

SERMONÁRIO MENSAL DE
MORDOMIA CRISTÃ



Igreja Adventista
do Sétimo Dia®

ÍNDICE

Introdução, 03
**ORIENTAÇÕES SOBRE OS SÁBADOS
MENSAS DE MORDOMIA**

Janeiro, 05
VIVENDO EM NEGAÇÃO

Fevereiro, 11
APRENDENDO A ESTAR CONTENTE

Março, 18
**PROGRAMA DIVINO ANTI-ESTRESSE
PARA AS FINANÇAS**

Abril, 24
SACRIFÍCIO POR AMOR

Maio, 30
A GRANDE OFERTA

Junho, 38
**MULTIPLICANDO E UNIFICANDO A IGREJA
POR MEIO DA FIDELIDADE**

Julho, 44
CHAMADOS PARA COMPARTILHAR

Agosto, 50
INVESTINDO NO CÉU

Setembro, 57
CONFIANDO EM DEUS

Outubro, 63
DEUS PRECISA DO MEU DINHEIRO?

Novembro, 70
ENTREGA TOTAL

Dezembro, 78
RICOS PARA COM DEUS

FICHA TÉCNICA

Coordenação Geral:

Departamento de Mordomia Cristã
Divisão Sul-Americana da IASD

Capa e Diagramação:

Suzana Lima

Impressão e Acabamento:

CPB – Casa Publicadora Brasileira

Orientações sobre os Sábados Mensais de Mordomia

As igrejas na Divisão Sul-Americana vêm há alguns anos, dedicando um sábado por mês para um programa voltado para a Mordomia Cristã. Por entender que Mordomia Cristã é um movimento que leva a igreja a ter um contato mais íntimo com Cristo, esse sábado deve ser bem aproveitado e inspirador para a igreja.

O objetivo é formar mordomos. Uma grande definição de mordomo seria: um adorador que reconhece a soberania de Jesus Cristo em sua vida 24 horas por dia, 7 dias por semana. Os mordomos entendem que eles existem no mundo como parceiros de Deus e curadores de Seus recursos; e eles são chamados para uma vida de obediência, fidelidade, serviço e adoração. Os mordomos são comprometidos com a missão de Deus “para fazer discípulos” de todos os povos.

Com esse objetivo em mente oramos para que a grandeza do poder de Deus venha lhe abençoar a cada programa mensal de mordomia em sua igreja.

Passos para o melhor aproveitamento dos sábados de mordomia

1. Este sermonário atende várias áreas da fidelidade cristã como comunhão, bens, tempo, dons. Se por acaso o pregador do sábado de mordomia não desejar usar o sermão proposto neste sermonário, atente para que ao longo do ano os sermões não venham a ser de um único tema. Não corra o risco de que ao longo do ano a igreja escute sermões apenas sobre uso dos bens ou do tempo ou dízimos e ofertas.
2. Preparar os detalhes do programa: O sábado de Mordomia não deve ser apenas o sermão do culto divino. Alguns detalhes podem ser acrescentados para aprimorar esse dia.

Algumas ideias:

- Combine com o seu pastor para que na sexta-feira os Pequenos Grupos assistam o testemunho do Provai e Vede no momento de testemunho no início da reunião.
- Atente para a recepção da igreja nesse dia.
- Combine previamente as músicas que serão usadas durante o programa.
- Convide o pregador com bastante antecedência.
- Atente para que a cada sábado do ano o Provai e Vede seja usado no momento do ofertório.
- A adoração infantil nos sábados de mordomia trata de temas relacionados à mordomia cristã na linguagem da criança. Combine com o departamento infantil para que esse material seja apresentado a Igreja.
- Em alguns sábados do ano peça ao líder de Jovens da sua igreja para ficar responsável também pelo culto Jovem daquele sábado e prepare um culto jovem inspirador.

Em acordo com o seu pastor distrital, inove!

Faça desse dia um dia esperado pela igreja.

Qualquer dúvida, entre em contato com seu pastor ou com o líder de Mordomia do seu campo. Que Deus o abençoe na execução desse sábado que tem como objetivo consolidar em cada membro da sua igreja o hábito de buscar a Deus e dedicar tudo o que é e tudo o que tem à causa de Deus.

Um grande abraço,

Pr. Josanan Alves
Mordomia Cristã
Divisão Sul-Americana

Texto bíblico:
LUCAS 18:18-23

Vivendo em negação

INTRODUÇÃO

Pela última vez, Jesus estava a caminho de Jerusalém. Ele estava em uma missão — uma missão de misericórdia para a família humana que Lhe custaria a vida numa cruz destinada a nós.

Sua missão foi subitamente interrompida por um homem que veio correndo até Ele e caiu de joelhos em uma postura de servidão. Marcos não dá nome ou título ao homem, mas Mateus o descreve como “jovem” (Mt 19:22), o que podemos deduzir por ele ter corrido ao encontro do Mestre, algo que um homem mais velho nunca faria. Lucas diz que ele era um “homem de destaque” (Lc 18:18), isto é, um membro do honorável conselho dos judeus. Esses três escritores dos Evangelhos mencionam a riqueza do rapaz, de maneira que conhecemos essa pessoa que se ajoelhou diante de Jesus como “o jovem rico”.

Enternecido ao ver Jesus abençoando as crianças, aquele jovem desejou ser abençoado da mesma forma. Ele fez a Jesus a pergunta mais importante que um ser humano pode fazer: “Que farei para herdar a vida eterna?” (Mc 10:17).

Em resposta, Jesus citou vários dos mandamentos de Deus e apontou a necessidade de guardá-los. O jovem reafirmou sua obediência a esses mandamentos e então quis saber: “O que ainda me falta?” (Mt 19:20). Embora sua vida fosse moralmente pura e ortodoxa, em termos religiosos, ele ainda estava insatisfeito.

Algo que ele tinha visto na interação entre Jesus e as crianças o impressionou, e, de alguma forma, ele se sentia incompleto.

Se você cresceu na igreja, talvez saiba o que aquele jovem estava sentindo. Você nunca se rebelou contra a religião de seus pais, você adotou a cultura própria do sistema de fé da sua família e permaneceu em conformidade com as regras e tradições do igreja. Você não perdia uma Escola Sabatina, decorava versos bíblicos, participava em concursos bíblicos, ganhou diplomas de honra ao mérito, sempre comeu hamburguers vegetarianos, estudou em colégios adventistas, aprendeu de cor as vinte e oito crenças fundamentais (pelo menos as principais), estava na igreja fielmente todos os sábados, e sempre devolveu o dízimo fielmente. Você não mente e não trapaceia no imposto de renda. Certamente, você nunca matou ninguém nem roubou algo que não lhe pertence. No entanto, você sente que algo está faltando. O que será?

O jovem rico trabalhou duro por tudo o que tinha conseguido na vida. Ele planejou seu trabalho e se esforçou para realizar seus planos, e a vida o recompensou. Ele assumiu que Deus e a vida eterna funcionavam da mesma maneira. “Apenas me diga qual é o plano, meu caro Jesus. Vou colocá-lo em prática e ser recompensado com a vida eterna”.

Marcos nos diz que Jesus “[olhou] para ele com amor” (Mc 10:21). Jesus viu que o jovem rico era sincero em sua busca pela vida eterna e o amou o bastante para lhe dizer a verdade. Às vezes o amor pode ser severo. Hoje em dia, muitos de nós temos uma noção rasteira do que é o amor. Achamos que ser amoroso significa que não podemos contrariar ninguém; que a auto-estima de uma pessoa é o que importa; que todos merecem ganhar um troféu; que, por amarmos, devemos deixar a pessoa viver uma vida de pecado sem confrontá-la.

Mas o que Jesus faria? Bem, veja o que Ele *fez*. Jesus amou aquele jovem o suficiente para tirá-lo da contra-mão. Ele o amou o suficiente para dizer o que o jovem precisava ouvir: “Uma coisa falta a você”.

Apenas uma? O jovem deve ter até ficado animado. *Tenho feito muitas coisas. Se falta apenas mais uma, está fácil.*

Mas uma rápida olhada nos mandamentos citados por Jesus mostra que, com uma exceção, todos são negativos. Ou seja, todos eles tratam de coisas que você não faz. Será que é assim que definimos nossa fé – pelas coisas que *não* fazemos? Quando o jovem afirmou que havia guardado todos aqueles mandamentos desde

a juventude, ele estava basicamente dizendo: “Nunca fiz mal a ninguém em toda a minha vida”. Isso até pode ter sido verdade, mas a verdadeira questão era: “O que você fez de bom?” Com todas as suas posses, suas riquezas, com tudo o que você pode doar, o que você fez de bom para os outros? Quanto você se esforçou para ajudar, confortar e fortalecer as pessoas ao seu redor?¹

Como muitos cristãos que guardam os mandamentos, que são altamente moralistas e fiéis à letra da lei, esse jovem tinha uma religião de “respeitabilidade” que consistia principalmente em *não fazer certas coisas*. Mas se a sua religião se resume a isso, você é igual ao servo que enterrou o talento do seu senhor. A mordomia é mais do que não fazer certas coisas; é fazer o que é melhor com tudo que lhe foi dado.

“Uma coisa falta a você”, Jesus disse ao jovem rico. “Vá, venda tudo o que tem, dê o dinheiro aos pobres e você terá um tesouro no céu; depois, venha e siga-me” (v. 21). Em outras palavras, assuma um compromisso total. Dê tudo o que você tem para que possa receber tudo o que Eu tenho. Jesus queria curar o jovem da mentalidade “primeiro eu”. O Mestre queria que ele visse que, embora pensasse que guardava os mandamentos, estava quebrando o primeiro – “Não tenha outros deuses diante de Mim” (Êx 20:3). O jovem achava que queria ser discípulo de Jesus, mas não percebia que o chamado para o discipulado é um chamado para a mordomia, e que o chamado para a mordomia é um chamado para viver em contínua negação do eu.

Jesus queria o jovem por inteiro, mas o jovem queria apenas uma parte de Jesus. Ele não percebeu que um relacionamento com Deus tem que ser exclusivo – que ele não pode servir a dois senhores. O que ele faria? “Contrariado com esta palavra, [o jovem] retirou-se triste, porque era dono de muitas propriedades” (Mc 10:22). Ele perdeu o que teria sido o maior milagre da sua vida, pois, apesar de todas as coisas que estava disposto a fazer, ele não faria o que era mais importante – não se entregaria completamente a Deus.

O que me deixa abatido? O que Deus pede de mim que me leva a pensar que Ele está pedindo demais? O jovem rico foi embora triste porque tinha muitas posses. Mas será que eu, por ter muitas obsessões, muitas modalidades de diversões, muitas roupas de grife, ou, talvez, uma grande paixão por sexo, comida, esportes, também iria embora triste? Para algumas pessoas, desistir de uma série de TV é pedir demais. Para outras, é demasiado sair cedo da cama no sábado de manhã. Para outros, 30 minutos de oração e estudo da Bíblia são demais. Ficamos amuados, e nossa fé fica abalado nos apelos sobre a mordomia, pois queremos os benefícios de viver com Jesus sem o sacrifício de viver em negação do próprio eu.

Em seu livro *Not a Fan* (Não Sou um Fã, em tradução livre) Kyle Idleman conta que, no final de uma mensagem que pregou em uma viagem missionária à África, ele fez um apelo para os presentes aceitarem a Jesus. Dois jovens de mais ou menos 20 anos de idade aceitaram a Cristo e se comprometeram a segui-Lo. Na tarde seguinte, esses dois jovens apareceram na casa onde Kyle estava hospedado, cada um carregando uma mochila no ombro. Kyle perguntou ao missionário local por que os rapazes estavam ali. Kyle escreve:

Meu colega explicou que aqueles dois jovens já não eram bem-vindos nem em seus lares nem em sua aldeia. Quando ouvi isso, fiquei com medo de que talvez isso fosse mais do que eles estivessem dispostos a aceitar. Naquele instante, o missionário me disse: “Eles sabiam que isso aconteceria ao tomarem a decisão”.

Eles estavam escolhendo Jesus em vez de suas famílias. Eles estavam escolhendo Jesus em vez do próprio conforto e conveniências – e fãs não fazem isso.

Os que seguem a Jesus estão dispostos a negar a si mesmos e dizer: “Eu escolho Jesus. Escolho Jesus em detrimento da minha família. Escolho Jesus ao invés do dinheiro. Escolho Jesus em vez de metas de carreira. Sou completamente Dele. Escolho Jesus em vez de ficar bêbado. Escolho Jesus ao invés de ver pornografia. Escolho Jesus em vez de uma casa bem decorada. Escolho Jesus acima da minha liberdade. Escolho Jesus sem preocupar-me sobre o que as outras pessoas possam pensar de mim”. Aquele que segue a Jesus todos os dias toma a decisão de negar a si mesmo e escolher Jesus [...] mesmo que isso lhe custe tudo.²

“Se alguém quer vir após Mim”, disse Jesus, “negue a si mesmo, tome a sua cruz e siga-Me (Mc 8:34). Jesus está procurando seguidores, não fãs. Idleman descreve fãs como “entusiasmados admiradores”. Um fã é o sujeito que vai assistir a uma partida de futebol com o cabelo pintado com as cores do seu time e agita um enorme dedo de isopor enquanto grita: “Somos o número um!” Ele está ali para se divertir e para torcer pelo seu time. No entanto, fora o preço do ingresso, não lhe custa nada estar ali. Ele próprio nunca participa do jogo. E se ele for um torcedor somente quando o seu time está ganhando, ele pegará aquele dedo de isopor e voltará para casa quando as coisas estiverem complicadas para o seu time.

A igreja está cheia de cristãos com dedos de isopor – admiradores entusiasmados, mas não abnegados. O jovem rico era um admirador entusiasmado de Jesus, mas que não estava disposto a viver em negação de si mesmo por amor a Jesus.

Aqui está a verdade: se a vontade de Deus é tão amarga para você, a ponto de estar tentando passar como cristão baseado apenas em uma tecnicidade morna, você

nem precisa se preocupar em cair no precipício: o próprio Deus vai vomitar você da Sua boca! Viver em Laodicéia é viver em constante negação espiritual. Esse é o significado de ter uma forma de piedade enquanto nega o poder dela (ver 2Tm 3:5). Mordomia é viver em abnegação. Deus está insistindo que você abandone a negação espiritual ao chamá-lo para a abnegação. E Ele pede isso só porque ama você e porque sabe que o egoísmo será a sua ruína. Em última análise, se você não estiver disposto a dizer não a si mesmo, certamente estará disposto a dizer não a Deus.

CONCLUSÃO E APELO

No livro *Discipulado*, de Dietrich Bonhoeffer, lemos as seguintes palavras:

A graça barata é a graça que outorgamos a nós mesmos.

A graça barata é a pregação do perdão sem arrependimento do pecador, é o batismo sem disciplina eclesial, é a comunhão sem confissão de pecados, é a absolvição sem confissão pessoal. A graça barata é a graça sem discipulado, é a graça sem cruz, é a graça sem Jesus Cristo vivo e encarnado.

A graça preciosa é o tesouro oculto no campo, pelo qual o ser humano vende feliz tudo que possui; é a pérola preciosa, pela qual o mercador oferece todos os seus bens; é o domínio do reino de Cristo, pelo qual o mercador oferece todos os seus bens; é o domínio do reino de Cristo, pelo qual o ser humano arranca o olho que o fez tropeçar; é o chamado de Jesus Cristo, pelo qual o discípulo deixa suas redes para trás e o segue.³

Será que alguma coisa valiosa está acontecendo em termos do Reino dos Céus? Estamos nos tornando mais consagrados? Mais santos? Mais dedicados? Mais envolvidos na missão? Mais apaixonados por servir aos pobres? Mais liberais em dar? Menos mundanos? Mais vitoriosos sobre hábitos e vícios?

Hoje, Jesus está olhando com muito amor e para mim e para você, dizendo: “Uma coisa falta a você”. Eu não sei qual é essa coisa para você. Mas para mim, é uma entrega total. De mim mesmo, posso dizer que me agarro com toda força a tudo que acho que é meu, ignorando que tudo pertence a Ele. Será que eu e você vamos hoje sair tristes da presença de Jesus por amarmos nossas coisas mais do que amamos a Deus, e por querermos um cristianismo de dedos de isopor em vez daquilo que verdadeiramente importa?

Não se trata de obras. Jesus não disse ao jovem para vender tudo porque esse ato lhe daria pontos suficientes para ganhar o Céu. Se você acha que Jesus pede o impossível quando diz: “Venda tudo o que tem, dê o dinheiro aos pobres; [...]”

depois, venha e siga-Me” (Mc 10:21), então pense no que Ele disse aos discípulos no versículo 27: “Para os seres humanos é impossível; contudo, não para Deus, porque para Deus tudo é possível.” Isso é graça. Mas ela não é barata.

A mordomia se resume a uma coisa somente: “Portanto, quer comais, quer bebais, ou façais outra qualquer coisa, fazei tudo para a glória de Deus” (1 Coríntios 10:31). Faça agora uma pausa, ponha-se de joelhos e ore. Ao fazer isso, pense no jovem rico e se pergunte se você está disposto a viver em negação e se está disposto a tomar sua cruz e seguir a Jesus. Se estiver em luta com a resposta, a graça de Deus será suficiente para você. Ela não é barata, mas está disponível – se você abrir o coração e se apossar dela. Não deixe seu rosto ou sua fé decaírem. “Com Deus tudo é possível.” O momento de viver em negação do eu é agora!

Autor. Randy Maxwell, **Randy Maxwell** é pastor da igreja adventista de Kuna, uma comunidade de fé crescente e vibrante localizada nos arredores da cidade de Boise, Idaho.

Endnotes

- 1 Ver William Barclay, *The Gospel of Mark*, rev. ed. (Philadelphia, PA: Westminster Press, 1975), p. 244.
- 2 Kyle Idleman, *Not a Fan: Becoming a Completely Committed Follower of Jesus* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2011), p. 145.
- 3 Dietrich Bonhoeffer, *Discipulado* (São Paulo, SP: Editora Mundo Cristão, 2016), p. 19.

Texto bíblico:
FILIPENSES 4:11-12

Aprendendo a estar contente



INTRODUÇÃO

Você está realmente contente hoje? Se estiver, em que se baseia o seu contentamento? Quanto tempo você acha que esse contentamento vai durar?

Para a maioria das pessoas, o verdadeiro contentamento é um mistério. Por que um mistério? Porque são poucas as pessoas que encontraram o verdadeiro contentamento. Será que os pobres, em sua falta de bens materiais, têm encontrado contentamento? Será que os ricos conseguem comprar o verdadeiro contentamento? Veja bem, o contentamento não é encontrado na pobreza; tampouco pode ser comprado pelos ricos. Sendo assim, a pergunta de um milhão de reais é: O que é contentamento?

Procure a palavra *contentamento* no dicionário e você encontrará uma definição mais ou menos assim: “sensação de estar satisfeito e feliz”. Mas o que significa isso? Estar satisfeito significa adquirir todos os itens do seu carrinho de compras? Será que para estar satisfeito, você precisa ter todos os seus desejos realizados?

Recentemente, li sobre uma jovem chamada Cristina, que desenvolveu um câncer raro no sistema nervoso quando tinha apenas oito anos de idade. Pouco antes de completar nove anos, alguém lhe perguntou o que ela queria de presente de aniversário. Cristina pensou um pouco e, finalmente, respondeu: “Não sei. Eu tenho dois álbuns de figurinhas e uma boneca. *Eu já tenho tudo!*”¹

É possível desenvolver um coração contente como o de Cristina?

Vamos ler o que Paulo tem a dizer sobre contentamento em sua carta aos cristãos de Filipos: (Ler Filipenses 4:11-12).

Gosto muito de como a Bíblia *A Mensagem* parafraseia essa passagem:

De fato, pelo que me consta, não preciso de nada. Já aprendi a estar contente, a despeito das circunstâncias. Fico satisfeito com muito ou com pouco. Encontrei a receita para estar alegre, com fome ou alimentado, com as mãos cheias ou com as mãos vazias (v. 11, 12, A Mensagem).

Você notou que o apóstolo Paulo escreve: “*Aprendi a estar contente*” (v. 11)? Aparentemente, o contentamento é algo que podemos aprender; de fato, podemos nos ensinar a estar contentes. Mas para aprender bem como fazê-lo, vamos precisar de uma boa receita.

Ao considerarmos o assunto da mordomia, veremos que um dos elementos-chave para nos tornarmos fiéis administradores dos nossos recursos é aprender o que vem a ser o verdadeiro contentamento. A razão pela qual tantas pessoas nesta geração estão desperdiçando uma boa parte do seu tempo, dos seus recursos e da própria saúde é que elas estão tentando encontrar algo que perderam ou que nunca tiveram – uma sensação de contentamento. Queremos falar aqui sobre como podemos nos tornar mordomos fiéis por meio do contentamento, mas antes disso, precisamos identificar alguns “exterminadores de contentamento” para os cristãos.

1 Esquecimento. Como cristãos, o verdadeiro propósito da nossa vida é servir a Deus. Esquecer isso, ou manter o foco em qualquer outra coisa como propósito da vida, é um verdadeiro “exterminador de contentamento”. No encontro de Jesus com o diabo no deserto, Satanás tentou fazer com que Ele esquecesse qual era o verdadeiro propósito da Sua vida na Terra: “E [Satanás] disse: — Tudo isso Lhe darei se, prostrado, Você me adorar. Então Jesus lhe ordenou: – Vá embora, Satanás, porque está escrito: “*Adore o Senhor, seu Deus, e preste culto somente a Ele*” (Mt 4:9, 10).

Uma das armadilhas mais bem-sucedidas do inimigo é nos fazer acreditar que precisamos acompanhar as expectativas atuais da sociedade para que fiquemos verdadeiramente contentes. Se ele conseguir isso, esqueceremos facilmente por que estamos aqui e qual é nosso propósito na vida como cristãos. E é tão fácil adotar as sugestões do inimigo! É tão fácil adotar os objetivos do mundo, a saber, “mais, maiores e cada vez mais”. Então, quando descobrimos que não temos

“mais, maiores e cada vez mais”, nosso contentamento é esmagado; Satanás venceu a batalha.

2 Renunciar. Na sociedade de hoje, não é normal fazer cortes ou renunciar a alguma coisa. Uma vez que atingimos um certo nível de renda ou gastos, consideramos um sinal de fracasso não poder manter o primeiro ou aumentar o segundo. A regressão, isto é, fazer cortes, renunciar, é um “exterminador de contentamento”. Mesmo diante do iminente desastre, precisamos manter a imagem. Muitas famílias que passam por uma perda do emprego tentam continuar mantendo seu estilo de vida fazendo dívidas, em vez de correrem o risco de terem que enfrentar o estigma da regressão.

Anos atrás, um casal procurou um pastor para ter um aconselhamento financeiro, eles haviam acumulado 350 mil reais em dívidas no cartão de crédito! Quando perguntados como deixaram que a situação ficasse tão fora de controle, eles disseram que, quando ambos perderam seus empregos, não conseguiam viver dentro de um padrão mais baixo do que aquele com que estavam acostumados. Assim, para manter o estilo de vida e acompanhar os amigos, eles continuaram vivendo como antes, exceto pelo fato de que agora faziam isso acumulando dívidas no cartão de crédito.

Alguns acham difícil aceitar os contratemplos que a vida nos apresenta, mas essas dificuldades podem ser uma oportunidade para reavaliarmos as nossas prioridades. Jesus nos adverte claramente: “Tenham cuidado e não se deixem dominar por qualquer tipo de avareza, porque a vida de uma pessoa não consiste na abundância dos bens que ela tem” (Lc 12:15).

3 Abundância. Se a renúncia – pode ser um “exterminador de contentamento”, a abundância também pode. A maioria das advertências contidas nas mensagens de Cristo era dirigida para os ricos, não para os pobres. Na pobreza, os problemas são fortemente contrastantes: necessidades ou desejos; honestidade ou desonestidade. Para os ricos, porém, os problemas são muito mais sutis e complexos. Na sociedade atual, nossas ansiedades e preocupações estão menos relacionadas à falta de coisas do que à perda delas. Em muitos países ricos, a indústria do seguro movimentava bilhões de dólares por ano.

Em 2004, a Organização Mundial da Saúde e a Escola de Medicina da Universidade Harvard divulgaram um estudo sobre os principais transtornos depressivos em 14 países. Os Estados Unidos, um dos lugares mais prósperos do planeta, estava no topo da lista, com 9,6% da população afligidos por transtornos bipolares,

transtornos depressivos importantes, ou depressão crônica menos grave ao longo de um ano. Compare isso com a taxa de “apenas” 0,8% na Nigéria! O artigo que relata esse estudo explica a alta taxa de transtornos depressivos nos Estados Unidos como resultado “da pressão de alcançar o sonho americano, do desejo de viver melhor do que os pais viveram e, da necessidade de trabalhar duro para ganhar muito dinheiro”.²

Ronald C. Kessler, professor de política de saúde da Escola de Medicina da Universidade Harvard e principal pesquisador deste estudo, diz que essa mentalidade americana “prepara as pessoas para o fracasso” e que tal mentalidade “é mais proeminente nos EUA do que em outros países”.

O homem mais sábio e rico da história aprendeu essa lição da maneira mais difícil. Ele nos deixou este conselho: “Quem ama o dinheiro jamais se fartará de dinheiro; e quem ama a abundância nunca ficará satisfeito com o que ganha. Também isto é vaidade” (Ec 5:10).

Vimos, então, que os principais “exterminadores do contentamento” são o esquecimento, a renúncia e a abundância. Vejamos agora se podemos descobrir na Bíblia os principais ingredientes da receita para aprendermos o que é o verdadeiro contentamento. Que elementos podemos incorporar em nossa vida que poderão trazer contentamento ao nosso coração, permitindo que sejamos fiéis mordomos de tudo o que Deus confiou aos nossos cuidados?

1 Viva uma vida piedosa e moderada. “Uma vez que tudo será assim desfeito, vocês devem ser pessoas que vivem de maneira santa e piedosa” (2Pd 3:11).

Devemos aprender a viver por convicção, não por circunstâncias. Quando as coisas se tornam difíceis e a mídia nos bombardeia com a mensagem de que a maneira de resolver nossos problemas é acumular cada vez mais bens, precisamos ter convicções e valores claros, os quais guiarão nossas emoções e impulsos. Quando aprendemos a viver com moderação, podemos realmente desenvolver o hábito de poupar. O hábito de economizar nos ajudará a estar preparados quando surgirem emergências, o que nos ajudará a não usar constantemente o crédito – buscar dinheiro que não é nosso – a fim de lidar com o problema.

Quando deixamos que os princípios espirituais guiem nossa vida, e quando desenvolvemos bons hábitos de poupança, então lançamos as bases para colocar nossas metas de longo e de curto prazos em ação. Precisamos lembrar que Deus quer que vivamos bem, com modéstia, em vez de oprimidos por dívidas.

2 Estabeleça o hábito de dar. “Que eles façam o bem, sejam ricos em boas obras, generosos em dar e prontos a repartir; ajuntando para si mesmos um tesouro que é sólido fundamento para o futuro, a fim de tomarem posse da verdadeira vida” (1Tm 6:18, 19).

Eu nunca vi pessoas mais contentes do que as que desenvolveram o espírito de doação. Doar é vida. Doar é o fundamento da natureza de Deus e do Seu reino. “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que Nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3:16). Em suas várias formas, a palavra doar (ou dar) aparece mais de mil vezes na Bíblia. Isso nos diz que doar é uma parte importante da natureza de Deus e, por essa razão, deve ser uma parte importante de nossa vida também.

3 Desenvolva uma atitude de gratidão. “Também soldados [...] perguntaram [a João]: — E nós, o que devemos fazer? E ele lhes disse: — Não sejam prepotentes, não façam denúncias falsas e contentem-se com o salário que vocês recebem” (Lc 3:14). Não podemos desenvolver uma atitude de gratidão se continuarmos a nos comparar com os outros. Infelizmente, nossa sociedade nos ensina a competir uns contra os outros e a nos comparar com vizinhos e amigos. Cada anúncio de TV é um desfile de competição: “Este é o melhor carro; esta é a melhor empresa; este é o melhor produto”. Contudo, a gratidão é um estado de espírito, não uma acumulação de bens.

Até que você possa realmente agradecer a Deus pelo que você tem, e estar disposto a aceitar a provisão divina para sua vida, o contentamento nunca será possível.

4 Confie nas promessas de Deus. “Que a vida de vocês seja isenta de avareza. Contentem-se com as coisas que vocês têm, porque Deus disse: *‘De maneira alguma deixarei você, nunca jamais o abandonarei’*” (Hb 13:5).

A. W. Tozer escreveu: “O homem que tem Deus como seu tesouro tem todas as coisas em Um”.³ Aqueles que aprendem a confiar nas promessas de Deus conseguem ter sempre um sorriso em seu coração.

Hudson Taylor, o fundador da Missão do Interior da China, estava enfrentando uma crise financeira em seu ministério missionário. Em seu escritório, Hudson leu a Bíblia por algum tempo, depois orou um pouco e então foi ver como estavam as finanças. Então, novamente, orou um pouco, leu um pouco a Bíblia e mais uma vez foi ver dar uma olhada nas finanças. Isso continuou por várias horas. Quando ele finalmente saiu do seu escritório, a esposa perguntou: “O que vamos fazer?”

Com um sorriso no rosto, ele respondeu: “Temos 27 centavos e todas as promessas de Deus! O que mais precisamos?”⁴

5 *Busque a Deus.* “Senhor, mostre-nos o Pai, e isso nos basta” (Jo 14:8).

Dita por Filipe, um dos discípulos de Jesus, essa frase é uma das mais poderosas declarações sobre contentamento encontrada nas Escrituras. Filipe está dizendo que nossa satisfação máxima está em buscar a Deus, encontrar Deus e experimentar Deus. Acredito que é por isso que Paulo conseguiu atingir tais níveis de contentamento. Essa é uma condição que todo cristão deve desejar.

Busquemos a Deus, orando diariamente com nossa família. É um privilégio poder elevar nossa alma a Deus em oração em todos os lugares e em todos os momentos, o que quer que estejamos fazendo. Foi assim que Enoque andou com Deus. Jeremias nos dá uma promessa maravilhosa vinda do próprio Deus: “Vocês me buscarão e me acharão quando me buscarem de todo o coração. Serei achado por vocês, diz o SENHOR” (Jr 29:13, 14).

Deus promete que se O buscarmos sinceramente, O encontraremos. E quando o encontrarmos, Ele nos dará contentamento genuíno e força para lidar com as mais difíceis das provações.

Começamos este capítulo lendo Filipenses 4:11, 12, mas eu propositalmente parei por aí e não fui até o versículo 13, um dos textos mais conhecidos da Bíblia. Depois de falar sobre ser capaz de encontrar contentamento na vida, não importa as circunstâncias, o apóstolo Paulo resume o resultado disso no versículo 13: “Tudo posso naquele que me fortalece”. Será uma surpresa para você que esse verso tão conhecido esteja ligado ao contentamento?

CONCLUSÃO E APELO

O verdadeiro contentamento nos é concedido como uma dádiva divina e não pelo acúmulo de “coisas”. É pelo poder de Cristo que vive em nós e nos capacita a fazer todas as coisas por meio de Sua força que obtemos o verdadeiro contentamento.

O pregador e teólogo alemão John Tauler um dia encontrou um mendigo.

“Deus lhe dê um bom dia, meu amigo”, disse ele.

O mendigo respondeu: “Graças a Deus eu nunca tive um dia ruim”.

Então, Tauler disse: “Deus lhe dê uma vida feliz, meu amigo”.

O mendigo respondeu: “Agradeço a Deus por nunca ter sido infeliz”.

Com espanto, Tauler replicou: “O que você quer dizer com isso?”

“Bem”, disse o mendigo, “quando o tempo está bom, agradeço a Deus; Quando chove, agradeço a Deus; quando tenho bastante, agradeço a Deus; quando estou com fome, agradeço a Deus. E como a minha vontade é a vontade de Deus, tudo o que agrada a Ele, agrada a mim. Assim, por que eu deveria dizer que sou infeliz quando não sou?”

Tauler olhou para o homem com espanto. “Quem é você?” ele perguntou.

“Eu sou um rei”, disse o mendigo.

“Sendo assim, onde fica o seu reino?” Tauler quis saber.

“No meu coração”, o mendigo respondeu bem baixinho.⁵

A verdadeira paz e o verdadeiro contentamento são concedidos àqueles cuja mente está firme no Senhor, a saber, aqueles que confiam Nele total e incondicionalmente. Como mordomos de Deus, sigamos o exemplo que Ele deu. Ele esvaziou o Céu ao doar o Seu Filho. E o Senhor Jesus, que era imensamente rico em todas as coisas, tornou-Se incompreensivelmente pobre por nós, para que nós, que éramos desesperadamente pobres no pecado, pudéssemos ser inconcebivelmente ricos por Sua graça.

AUTOR: **Ruber J. Leal**, é pastor geral da igreja *Garland Faith Community* de Garland, Texas.

Endnotes

1 Erma Bombeck, “Me Have Cancer?” *Reader’s Digest*, Abril 1993, p. 96–98.

2 Allison Van Dusen, “How Depressed Is Your Country?” *Forbes*, 16 de fevereiro de 2007, http://www.forbes.com/2007/02/15/depression-world-rate-forbeslife-cx_avd_0216depressed.html.

3 A. W. Tozer, *The Pursuit of God* (Harrisburg, PA: Christian Publications, 1948), p. 13.

4 E. Myers Harrison, *Heroes of Faith on Pioneer Trails* (Chicago, IL: Moody Press, 1945), p. 184.

Texto bíblico:
ECLESIASTES 5:10-11

Programa divino anti-estresse para as finanças



INTRODUÇÃO

O dinheiro é um item da maior importância para a maioria de nós. Costumamos medir o sucesso das pessoas em função do dinheiro e dos bens materiais que elas possuem. É em função do status e da riqueza dos outros que nos relacionamos com eles. Muitas vezes descrevemos os indivíduos que são “bem-sucedidos” tomando como base suas posses, isto é, quanto têm no banco, o tamanho da sua casa, os carros que possuem e todos os demais apetrechos que vêm com o “sucesso”. Por que ficamos tão impressionados com dinheiro e com bens materiais? Por que tantas vezes igualamos dinheiro com sucesso? Você não concorda que a pessoa mais bem-sucedida que já viveu neste mundo é o Senhor Jesus Cristo? E, no entanto, foi num berço emprestado que Ele iniciou Sua vida na Terra, e foi numa sepultura emprestada que Ele a terminou. Sobre o intervalo entre o começo num berço emprestado e o fim numa sepultura também emprestada, tudo o que Ele pôde dizer a respeito de Seus bens materiais foi o seguinte: “As raposas têm as suas tocas e as aves do céu têm os seus ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça” (Mt 8:20)

A visão de Deus quanto às riquezas materiais é muito diferente da nossa. Salomão, o homem mais sábio que já viveu na Terra, entendeu isso. Ele disse: (Ler Eclesiastes 5:10-11)

“Quem ama o dinheiro jamais terá o suficiente”? E por que não? Porque sempre haverá algo que consegue despertar nosso desejo por mais coisas. Por mais que

detestemos admitir, nosso problema não é a falta de dinheiro; nosso problema é o coração cobiçoso. Quantas dívidas, frustrações, discussões e ansiedade nos advêm só porque não nos satisfazemos com o que temos! Não foi esse o problema de Lúcifer no Céu? Não foi esse o problema de Adão e Eva no Jardim do Éden? E não é esse o problema que nos aflige ainda hoje?

Qual é o verdadeiro valor do dinheiro? Como você explicaria esse valor? Por exemplo, imagine que alguém lhe desse um milhão de reais hoje. Como você se sentiria? Quanto valeria esse milhão de reais? E como você mediria o valor dessa quantidade de dinheiro? Se você levasse um milhão de reais — uma pilha de 10.000 notas de cem reais — até os confins das selvas da Amazônia e o doasse a uma tribo primitiva, o que aquelas pessoas fariam com eles? Como elas mediriam o valor de todo esse dinheiro? Ou suponha que você dê uma nota de cem reais para uma criança de dois ou três anos. Que valor ela daria àquela nota?

“Bem”, você diria, “ela não entende o valor do dinheiro”.

Ela não entende o valor do dinheiro de quem? Vamos ao cerne da questão. Qual é o propósito principal do dinheiro?

“Suprir nossas necessidades”, você responderia. Se isso for verdade, então já não precisamos da promessa encontrada em Filipenses 4:19: “E o meu Deus, segundo a Sua riqueza em glória, há de suprir, em Cristo Jesus, tudo aquilo de que vocês precisam”. Não precisamos dessa promessa, pois é o dinheiro que suprirá nossas necessidades. Se é o dinheiro que supre nossas necessidades, então não precisamos que Deus o faça.

Será que Deus precisa de dinheiro para suprir nossas necessidades? Não. Quanto dinheiro os israelitas gastaram em comida e roupas durante os 40 anos que peregrinaram pelo deserto? Nenhum! O clima do deserto era bastante severo, e eles, com certeza, passaram por privações, mas Deus os lembrou: “Durante quarenta anos Eu os conduzi pelo deserto e, nesse tempo, não envelheceram as roupas que vocês usavam, nem se gastaram as sandálias que vocês calçavam”. (Dt 29:5). Você sabia que a Bíblia diz que é pecado confiar no dinheiro para suprir suas necessidades?

Se no ouro pus a minha esperança ou se eu disse ao ouro fino: “Você é a minha garantia”; se me alegrei por ser grande a minha riqueza e por ter a minha mão alcançado muito; se olhei para o sol, quando resplandecia, ou para a lua, que caminhava em seu esplendor, e o meu coração se deixou seduzir em segredo, e eu lhes atirei beijos com a mão, também isto seria um delito a ser punido pelos juízes, pois eu teria negado a Deus, que está lá em cima (Jó 31:24-28).

Para Jó, confiar no dinheiro para a própria segurança é tão pecaminoso quanto adorar o sol ou a lua! Enxergar o dinheiro como nossa fonte de segurança e felicidade ou como o supridor das nossas necessidades é pecado. Sim, Deus pode usar o dinheiro para suprir nossas necessidades, mas certamente Ele não se limita a isso.

Então, qual é o objetivo principal do dinheiro? Seria promover o reino de Deus? Veja o que diz Lucas 9:1–4 (Ler o texto). Em Lucas 10, Jesus envia 72 evangelistas, todos com as mesmas instruções: nada de bolsas, sacolas ou sandálias extras. Certamente eles não poderiam ter muito sucesso com esse tipo de orçamento, não é verdade? Mas Lucas 22:35 dá a resposta: “A seguir, Jesus perguntou aos discípulos: — Quando eu os enviei sem bolsa, sem sacola e sem sandálias, por acaso faltou-lhes alguma coisa? Eles responderam: — Não faltou nada!”

Deus precisa de dinheiro para promover o Seu reino? Não. Ele até pode usá-lo para esse propósito, mas Sua obra não depende disso. Se o propósito principal do dinheiro não é suprir nossas necessidades nem sustentar o reino de Deus, então qual é esse propósito? O livro de Lucas capítulo 16 nos dá essa resposta. (Ler Lucas 16:10-12).

O objetivo principal do dinheiro é o desenvolvimento do caráter. Em Mateus 25:14–30, Jesus conta a parábola dos talentos: “Pois será como um homem que, ausentando-se do país, chamou os seus servos e lhes confiou os seus bens. A um deu cinco talentos, a outro deu dois e a outro deu um, de acordo com a capacidade de cada um deles; e então partiu”.

Observe que o senhor não deu dinheiro a seus servos para suprir as necessidades deles, nem deu qualquer instrução sobre o que queria que eles fizessem com aquele dinheiro. Ele deu o dinheiro para testar-lhes o caráter. Dois dos servos perceberam o significado de a eles ter sido confiados os bens do senhor e começaram a usá-los de uma forma que trouxesse um aumento para o senhor. Mas o terceiro servo não tinha em mente o que interessava ao seu senhor e enterrou o seu talento, fazendo o que bem desejava enquanto o seu mestre estava fora. Quando o senhor voltou, chamou seus servos para acertarem as contas e ver o que haviam feito com o dinheiro dele. Os dois primeiros duplicaram o que ele lhes fora confiado, e foram elogiados: “Muito bem, servo bom e fiel; você foi fiel no pouco, sobre o muito o colocarei; venha participar da alegria do seu senhor” (v. 21).

O terceiro servo, no entanto, devolveu o dinheiro do seu senhor sem ter ganhado ou perdido nada. Desculpou-se dizendo que sabia que o senhor era um homem duro que colhia onde não havia semeado. “Fiquei com medo”, disse ele, “e enterrei o seu dinheiro. Aqui está”. O mestre o julgou por suas próprias palavras:

“Servo mau e preguiçoso! Você sabia que eu colho onde não plantei e ajunto onde não espalhei? Então você devia ter entregado o meu dinheiro aos banqueiros, e eu, ao voltar, receberia com juros o que é meu. [...] Lancem-no para fora, nas trevas. Ali haverá choro e ranger de dentes” (v. 26-30).

Teria sido o senhor muito duro com o servo? Não! Tudo o que o servo tinha viera do seu senhor. Ele estava disposto a tirar do seu senhor, mas não estava disposto a unir seus interesses aos interesses do mestre, trabalhando para aumentar a fazenda do seu senhor.

Esta não é apenas uma história. Jesus introduziu essa parábola dizendo: “O Reino dos Céus será semelhante . . .” (ver v. 1). Deus nos dá posses a fim de testar nosso caráter. A forma como administramos o dinheiro revela com quem mais nos identificamos — se com Deus e Seus propósitos ou com nossos próprios interesses egoístas. O dinheiro revela onde está a nossa lealdade e a qual senhor servimos.

Agora, permita-me fazer uma pergunta pessoal. Se você reunisse o valor de todos os seus ativos – todo o seu dinheiro, sua casa, contas bancárias, investimentos, carros, pertences pessoais e assim por diante – quanto você valeria? Eu diria que não importa o que esse número possa representar, seu patrimônio líquido é exatamente zero, porque você não possui nada! Veja o que a Bíblia diz

“Ao SENHOR pertence a terra e a sua plenitude, o mundo e os que nele habitam” (Sl 24:1). “Minha é a prata, meu é o ouro, diz o SENHOR dos Exércitos” (Ag 2:8).

Tudo o que temos pertence a Deus; não podemos reivindicar nada como nosso. “Tudo bem”, você diria. “A rigor, Deus é o proprietário final. Mas fui eu que trabalhei para juntar tudo”. Observe a resposta de Deus para esse argumento: “Portanto, não pensem: ‘A minha força e o poder do meu braço me conseguiram estas riquezas’. Pelo contrário, lembrem-se do SENHOR, seu Deus, porque é Ele quem lhes dá força para conseguir riquezas” (Dt 8:17, 18).

Se Deus é o dono de todas as coisas, como é o nosso relacionamento com Ele e qual é a nossa responsabilidade por tudo aquilo que Ele nos confiou? Nós somos Seus mordomos. Hoje em dia, não usamos essa palavra – *mordomo* – com muita frequência. Em vez dela, usamos a palavra *gestor*. O mordomo é alguém que administra a propriedade ou os interesses de outro. Sendo assim, você e eu somos administradores, ou gestores, dos bens de Deus. Em que posição elevada Deus nos colocou! Quando alguém lhe perguntar: “Em que você trabalha?” você pode responder: “Sou um gerente do Rei do universo!”

Existem, porém, dois tipos de gestores: os gestores fiéis, que são aqueles que adotam os interesses do proprietário como seus e que administram os recursos que lhes são entregues como o próprio dono o faria; e os gestores infiéis, que são aqueles que administram os recursos que lhes são entregues de acordo com os próprios interesses e desejos.

Todos nós somos gestores de Deus desde o nascimento e assim permaneceremos enquanto vivermos. Podemos ser bons ou maus gestores, mas somos igualmente gestores – nunca proprietários. Como tal, teremos que prestar contas a Deus de como administramos Seus bens. Muito do estresse, frustrações e pecados que experimentamos nos acomete quando nos esquecemos de que somos gestores e passamos a querer ser donos. Em nosso desejo de ser donos, assumimos todo o cuidado e responsabilidade pelas coisas que queremos ter. Isso é muito estressante, pois não temos a capacidade ou os recursos para lidar com todas as coisas negativas que podem acontecer, nem temos o poder de impedir que essas coisas aconteçam. Como administradores de Deus, no entanto, somos simplesmente obrigados a fazer o nosso melhor para administrar Seus bens de acordo com a vontade Dele. Assim, aconteça o que acontecer, é responsabilidade de Deus, como Proprietário, cuidar disso.

APELO E CONCLUSÃO

Existem apenas quatro áreas nas quais podemos gastar o dinheiro que é de Deus – nossas necessidades, nossos desejos, os dízimos e as ofertas. Tomando a Bíblia como nosso padrão, qual seria a ordem de prioridade para essas quatro áreas?

- 1 O dízimo, porque é a porção que Deus reivindica como Sua.
- 2 As ofertas, porque ainda não demos nada a Deus ao devolver-Lhe o dízimo. Ele deve receber as primícias como demonstração de gratidão por tudo que Ele fez e está fazendo por nós.
- 3 Nossas necessidades. É nossa responsabilidade cuidar das necessidades da vida.
- 4 Nossos desejos, isto é, tudo aquilo que não nos é necessário e pode ser classificado como luxos. Não há nada de errado em ter alguns luxos simples, mas eles devem vir do que sobrou das três primeiras áreas, em vez de tomar o lugar delas.

É muito difícil traçar uma linha entre necessidades e desejos – e por muitas razões. Provérbios 30:7–9 nos ajuda a determinar onde a linha deve estar:

Duas coisas te peço, ó Deus; não recuse o meu pedido, antes que eu morra: afasta de mim a falsidade e a mentira; não me dê nem a pobreza nem a riqueza; dá-me o pão que me for necessário, para não acontecer que, estando eu farto, te negue e diga: “Quem é o SENHOR?” Ou que, empobrecido, venha a furtar e profane o nome de Deus.

Esses versos traçam uma linha bastante clara entre necessidades e desejos, não é verdade? Se tivermos algo que vai além do que hoje precisamos, temos um grau de riqueza. Se hoje temos menos do que precisamos, então temos um grau de pobreza. Isso coloca a maioria de nós aqui, hoje, do lado dos que têm um grau de riqueza!

Se formos gestores fiéis das bênçãos de Deus, Ele nos abençoará ricamente em todas as coisas e em todos os momentos, para que possamos ser um canal de ricas bênçãos para os outros.

AUTOR: **Dick Bullock**, é pastor das igrejas de Vassar e Port Sanilac, na Associação de Michigan.

Texto bíblico:
ISAÍAS 1:11-14

Sacrifício por amor

INTRODUÇÃO

Uma coisa curiosa sobre sacrifício é que, quando o fazemos, nem percebemos que aquilo foi mesmo um sacrifício. O motivo para isso é que o amor nunca é grande demais para aquele que é amado. Hipotecamos a casa para pagar a faculdade dos filhos. Doamos um rim para salvar a vida de um familiar. Damos nosso tempo e energia para que o evangelho seja levado a todo o mundo. E fazemos tudo isso com alegria. Em situações extremas, pode-se até morrer por um amigo ou um ente querido. Como observa o apóstolo Paulo: “Difícilmente alguém morreria por um justo, embora por uma pessoa boa alguém talvez tenha coragem para morrer. Mas Deus prova o Seu próprio amor para conosco pelo fato de Cristo ter morrido por nós quando ainda éramos pecadores” (Romanos 5:7, 8).

Infelizmente, nosso conceito sobre sacrifício é muitas vezes contaminado com idéias oriundas do paganismo. O paganismo vê o sacrifício como desistir de alguma coisa ou fazer algo para apaziguar ou subornar um deus raivoso. Tal ideia gera uma série de conceitos angustiantes sobre Deus e sobre nossas ações para com Ele. Para começar, pode-se perguntar: “Quanto sacrifício é o suficiente? Como posso saber que estou realmente me sacrificando? O tamanho do meu sacrifício tem a ver com o valor que dou?” Obviamente, a quantia doada não pode definir o sacrifício, ou os ricos seriam os únicos realmente capazes de fazer sacrifícios. Essa é precisamente a questão que Jesus aborda em Sua observação sobre a oferta da viúva pobre.

Sentado ao lado da caixa de ofertas do templo, Jesus observava os ricos que, com muita pompa e cerimônia, depositavam suas ofertas supostamente “sacrificiais” na caixa de ofertas. Foi durante uma pausa neste festival de “sacrifícios” que uma tímida viúva passou por ali e depositou duas das menores moedas em circulação na época. Contrastando essas dádivas, Jesus observou: “Em verdade lhes digo que esta viúva pobre deu mais do que todos. Porque todos esses deram como oferta daquilo que lhes sobrava; esta, porém, da sua pobreza deu tudo o que possuía, todo o seu sustento” (Lc 21:3, 4).

Então é isso? Devemos dar tudo o que temos? Basta pegar o seu salário no fim do mês e doá-lo inteiro? Afinal, foi o que Jesus disse ao jovem rico: “Venda tudo o que tem, dê o dinheiro aos pobres e você terá um tesouro nos céus; depois, venha e siga-Me” (Lc 18:22).

Consideramos o sacrifício, então, pelo quanto nos resta, e não pelo quanto damos? Não. Essa não seria uma imagem consistente com a história bíblica nem com a realidade presente. Assim como hoje, também nos dias de Cristo havia ricos que O seguiam. E suas dádivas não podem ser avaliadas calculando quanto sobrou depois de terem doado.

Como, então, medimos um sacrifício? Seria por porcentagem? Calculamos o dízimo — 10 por cento da nossa renda, como indicam as Escrituras — e chamamos isso de sacrifício igual para todos. Ou, só para garantir, acrescentamos mais 10 por cento — um dízimo em dobro — só para termos certeza de que estamos sacrificando o suficiente. É isso que fazemos? E a pessoa que ganha mil reais, em comparação com a que ganha um milhão? Separar o dízimo deixa a primeira com 900 reais e a outra com 900 mil reais. Dificilmente podemos chamar isso de “sacrifício igual”, não é mesmo?

Não é assim, pois medir o sacrifício por porcentagens ainda não é a resposta.

Talvez em nossa busca por uma resposta devêssemos levar em consideração como é doloroso fazer sacrifícios. Alguns creem que devemos doar até o ponto de sofrer-mos. Mas isso não é uma contradição de termos? Se doar implica em sofrimento, estamos realmente doando? Essa noção de que doar envolve sofrimento nos leva de volta ao conceito pagão de apaziguamento. Nos tempos bíblicos, tal conceito levava a uma aplicação grosseira do princípio do sacrifício. De fato, um olhar mais atento ao sistema sacrificial do Antigo Testamento revela que sua intenção não era levar as pessoas a entregarem todas os seus bens, mas sim apontar para o fato de que Deus, em Cristo, daria a própria vida pelos pecadores.

A oferta de Caim – frutos do campo como meio de apaziguar a ira de Deus – foi rejeitada, enquanto a oferta de Abel – a gordura de um cordeiro, apontando para o sacrifício de Cristo – foi aceita. Para Abel, no entanto, não custou quase nada sacrificar o cordeiro. As ovelhas estão entre os animais domésticos mais férteis, e a perda de um cordeiro estava longe de ser um desastre. Houve pouca dor ou perda por parte de Abel, além do reconhecimento de que seu pecado estava causando sofrimento a algo além dele próprio. A questão não era que ele estava abrindo mão de algo que lhe pertencia para expiar seus pecados, tal como na oferta de frutos do campo de Caim. A questão era que, na oferta de Abel, um ser inocente estava morrendo no lugar e por causa dele. Aquilo era um microcosmo da redenção.

Mas assim como as pessoas do Antigo Testamento perderam de vista o significado original do sacrifício, também o sacrifício de animais ficou fora de controle. Os excessos, os equívocos, os rituais de apaziguamento – tudo isso deturpava intenção de Deus ao Ele instituir o sistema sacrificial. E nós O ouvimos protestando contra esta carnificina por meio dos profetas. Falando por Deus, Isaías compara Sião a Sodoma e Gomorra, dizendo: (Ler Isaías 1:11-14).

Podemos perguntar: por que Deus teria sido tão severo em Sua rejeição daquelas funções religiosas? Talvez seja por causa do conceito pagão de apaziguamento ali existente e do processo hipócrita, orientado por obras, de subornar a Deus e, assim, aplacar, com atos de obediência, Sua ira contra o pecado. Já é ruim o bastante ser um pecador, mas ser um pecador disfarçado com suas atividades religiosas é ainda pior. Estar certo pelas razões erradas pode ser mais perigoso do que simplesmente estar errado. Quando alguém é apenas um pecador sem pretensões religiosas, essa pessoa pelo menos tem o potencial de estar aberta aos apelos de Deus. Mas quando pespegamos uma piedade religiosa aos nossos atos pagãos, acreditando que podemos obter a justiça mediante uma grotesca abundância de “sacrifícios” equivocados, já não somos capazes de ouvir o chamado de Deus por cima do barulho da nossa própria religiosidade. Por meio de Oséias, Deus implora: “Quero misericórdia, e não sacrifício; conhecimento de Deus, mais do que holocaustos” (Os 6:6).

Embora seja correto dizer que Deus reclame uma aliança com Seu povo por meio de sacrifício, mesmo assim essa aliança é baseada, não em nosso sacrifício, mas no Dele. Não há nada que possamos fazer para nos purificar do pecado ou para nos salvar da destruição além de aceitar o sacrifício de Deus e entrar em um relacionamento de aliança com Ele. Nas palavras do grandioso hino “Rocha Eterna”,

*Nem trabalho, nem penar
Pode alguém aqui salvar,
Mas só Tu, meu bom Jesus,
Podes dar-me a vida e luz
Peço-Te perdão, Senhor, pois confio em Teu amor.¹*

Deus expressa Seu apelo ao Seu povo da aliança de maneira clara e lógica: “Congreguem os Meus santos, os que Comigo fizeram aliança por meio de sacrifícios” (Sl 50:5). E então, para essas pessoas da aliança Ele declara: (Ler Salmo 50: 9-15).

Como, então, honramos a Deus? Novamente, isso fica muito claro. Não é a multidão de bens doados que constitui um sacrifício. Não é o sacrifício de animais ou as ações dos pecadores que expia o pecado. Antes, é o coração agradecido, o qual aceita o sacrifício feito pelo próprio Deus. Não há outra resposta aceitável a não ser a gratidão e o amor a Deus. O amor é a única medida exata de sacrifício.

Para nós, é uma luta compreender a história de Abraão oferecendo Isaque. Podemos ter visto isso como o exemplo da disposição máxima de entregar tudo para Deus. Mas talvez haja outro ponto na história. Não se trata de que Deus precisasse saber se Abraão iria entregar o próprio filho. Deus sabe de tudo. Antes, aquela experiência tinha como objetivo ajudar Abraão a aprender sobre suas próprias atitudes em relação ao sacrifício. Deus precisava mostrar para Abraão que mesmo um sacrifício tão extremo não seria adequado para conter a torrente do mal e resolver o problema do pecado. Somente a entrega do próprio Deus em sacrifício é suficiente para isso.

Quando Isaque perguntou para o pai: “Onde está o cordeiro para o holocausto?” Abraão respondeu com um comentário presciente, embora inconsciente naquele momento, sobre o grande princípio da redenção: “Deus proverá para Si o cordeiro” (Gn 22:7, 8). O próprio Deus proveria, de fato, o sacrifício – e de uma maneira que Abraão não conseguiu perceber em sua evasiva resposta. Somente quando a faca foi levantada e a voz do anjo de Deus fez parar aquele ato horrível de apaziguamento é que Abraão entendeu o significado de tudo aquilo.

A história termina com Abraão nomeando a montanha “o SENHOR proverá” (v. 14). Finalmente Abraão entendeu o que era a aliança. Finalmente ele percebeu que até mesmo sacrificar os próprios filhos não é adequado para conter a torrente do pecado. Somente a entrega do próprio Deus em sacrifício é suficiente. O sacrifício não é nosso; é Dele.

É muito fácil que nossos motivos fiquem confusos ou até totalmente degenerados. Como podemos saber que nossas ofertas se tornaram egocêntricas e pagãs, voltadas para o apaziguamento, em vez de um meio de expressar ações de graças? Talvez isso aconteça quando começarmos a nos preocupar se o que estamos dando é muito ou pouco. Talvez seja quando passamos a querer controlar o resultado da nossa “ação de graças” insistindo que as coisas sejam feitas do nosso jeito ou nos recusarmos a doar. O que damos é realmente uma dádiva ou não passa de chantagem religiosa e tomada de reféns?

CONCLUSÃO E APELO

Uma indicação inquestionável de que estamos nos tornando pagãos quanto aos nossos sacrifícios é quando pensamos que Deus ficará impressionado ou apaziguado por causa do nosso comportamento, ou quando queremos que todos vejam quão “generosos” somos. Então perguntamos com um pouco de frustração: “Não há nada que eu possa fazer para implementar essa aliança de salvação, a não ser aceitá-la? Se o sacrifício é somente de Deus, o que mais posso fazer?”

E a resposta é: “Sim, não há nada que você possa sacrificar para obter a salvação”. Deus já fez o sacrifício. Mas isso não significa que não exista nada que você possa fazer nesse relacionamento.

Primeiro, você pode aceitá-Lo. E quando você faz isso, as maravilhas do sacrifício de amor de Deus cercam você. Deus derrama Seu triunfante poder para salvá-lo da loucura destrutiva do seu eu natural e pagão. Ele deu tudo. O que mais você pode fazer além de, numa resposta movida pelo amor, devolver a Ele todo o seu ser como um sacrifício vivo, como diz o apóstolo Paulo em Romanos 12:1? Mas o que isso significa? Como isso se desenrola na vida real? Qual seria a “oferta de ação de graças” apropriada para Deus?

Para começar, temos o sábado. A cada semana, Deus quer passar um dia especial com você. Ele quer que você faça parte da Sua comunidade de amor – a igreja. Ele não quer que você fique sozinho em meio a um mundo difícil.

Ele também quer que você cuide do seu corpo. Ele até o chama de santuário do Espírito Santo (1Co 6:19). Com certeza você vai querer tratar bem daquilo que é propriedade Dele. Mas isso não é tudo: você vive e se sente muito melhor quando segue os planos Dele para sua vida. Ele também quer que você tome conta do mundo Dele como também dos seus irmãos e irmãs que nele habitam, tornando-o um lugar melhor para todos nós vivermos.

Ele também pede que você devolva o dízimo da sua renda e que ofereça uma oferta de amor. Ele até prometeu que, se você fizer isso, Ele vai potencializar sua capacidade de participar dessa sociedade com Ele. Ele abrirá as janelas do Céu e derramará incontáveis bênçãos sobre você.

Quanto Ele vai lhe pedir? Não sei. Talvez para o seu próprio bem e para o avanço do reino Dele, pode ser que um dia você precise abrir mão de tudo o que tem. Você pode ser chamado para algum lugar distante, longe dos reconfortantes ambientes familiares e dos amigos. Você pode até ser chamado a dar a sua vida. É verdade que esses são pedidos incomuns, e Deus não costuma pedir isso. Mas devemos dar tudo de nós, assim como Ele deu tudo por nós. A escolha agora é Dele. Devemos perguntar apenas: “Senhor, o que queres que eu faça?”. O amor é a resposta para a questão de como avaliar o sacrifício de Deus.

AUTOR: **Gary Patterson**, Antes de se aposentar, Gary serviu como presidente das associações Georgia-Cumberland e da Pennsylvania, como assistente do presidente da Divisão Norte Americana, como secretário geral de campo da Associação Geral e também como pastor e evangelista.

Endnotes

1 Augustus M. Toplady, “Rocha Eterna”, *Hinário Adventista do Sétimo Dia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1996), hino 195.

Texto bíblico:
LUCAS 7:36-47

A grande oferta

INTRODUÇÃO

Imagine um dia normal de trabalho. Antes de você sair de casa, seu celular toca. A pessoa do outro lado da linha diz que você é um dos cinco finalistas de um concurso de rádio e que pode ganhar 25 mil reais esta tarde – e não é uma “pegadinha” nem um trote. Seus olhos se dilatam, sua frequência cardíaca aumenta e um enorme sorriso aparece em seu rosto. Você nunca pensou que isso poderia, de fato, acontecer quando preencheu aquele formulário de inscrição online algum tempo atrás. A voz do telefone continua: “Se você receber outro telefonema deste número esta tarde, pode comemorar. Você foi premiado!”

Em seguida, o autor da chamada faz uma pergunta simples: “Se você ganhar esse presente de 25 mil reais, o que fará com o dinheiro?” O que você diria? Daria a entrada de um carro novo? Tiraria as férias dos seus sonhos? Faria algumas melhorias em casa? São tantas as possibilidades!

Antes de respondermos a essa pergunta de 25 mil reais, vamos considerar um valioso presente de proporções bíblicas. De tão impressionante, ele está registrado em todos os quatro Evangelhos. O fato ocorreu na semana anterior à morte de Jesus no Calvário, quando Ele e Seus discípulos estavam em Betânia, um lugar onde Jesus costumava desfrutar da hospitalidade de Maria e Marta. Desta vez, porém, havia alguém que queria fazer de Jesus o seu convidado de honra. “Um dos fariseus convidou Jesus para que fosse jantar com ele. Jesus, entrando na casa do fariseu, tomou lugar à mesa” (Lc 7:36).

Não era incomum que um fariseu convidasse Jesus para comer, mas era algo raro. Comer com alguém era um sinal de que você aprovava aquela pessoa, e a maioria dos fariseus *desaprovava* Jesus. Com frequência, eles O testavam. Além disso, planejavam matá-Lo. Assim, qual teria sido a razão para esse fariseu em particular convidar Jesus para jantar em sua casa?

Os Evangelhos de Mateus e Marcos (Mt 26:6; Mc 14:3) nos dão a resposta. Aquele fariseu, Simão, havia contraído lepra. Nos dias de Jesus, a lepra era uma temida doença que progredia em intensidade. Primeiro, a pele ficava coberta de lesões pálidas, o que era seguido de enfraquecimento dos músculos. Finalmente, as extremidades do corpo ficavam dormentes. Por perder o sentido do tato, o leproso não sentia nenhuma dor quando se feria. Assim, os ferimentos não eram tratados, a infecção se instalava e as partes do corpo feridas e infectadas iam apodrecendo lentamente.

Parece muito ruim, não é? Mas fica pior. A lepra é contagiosa. Uma pessoa que contraía lepra nos dias de Jesus tinha que abandonar a esposa, os filhos, os pais, os negócios, a comunidade e ir morar com outros leprosos. Ele não envelheceria com sua esposa, nunca poderia comparecer ao casamento dos filhos nem estar presente no funeral dos pais. O resto dos seus dias seriam passados com outros leprosos, alguns deles com um quadro mais avançado da doença e seus corpos mais desfigurados. Estes serviam como um lembrete diário do que ele se tornaria em breve.

O quadro é terrível, não é? Mas fica ainda pior. Nenhum médico ou remédio era capaz de curar a lepra. Se uma pessoa contraísse lepra, ela sabia que, pelo resto de seus dias, teria que gritar: “Imundo! Imundo!” se alguém se aproximasse, só para vê-los fugir horrorizados. O leproso sabia que ficaria isolado, estigmatizado, desfigurado e temido antes de, finalmente, morrer da doença.

Mas Simão fora poupado desse terrível destino. Não sabemos como Jesus curou Simão. Dois capítulos antes de contar a história de Jesus comendo na casa de Simão, Lucas conta como Jesus curou um leproso simplesmente tocando nele (ver Lc 5:12-14). Não há indicação de que esse leproso fosse Simão, o fariseu. Não importa como Jesus tenha livrado Simão daquela terrível doença. O simples fato de ter sido curado explica por que esse fariseu chamou Jesus para ser o convidado de honra daquele jantar em sua casa. Era de se esperar que Simão mostrasse sua gratidão Àquele que o poupou do isolamento e da desfiguração, Àquele que o purificou e lhe deu uma nova vida. Era de se esperar que Simão fizesse uma lista de tudo o que Jesus lhe havia concedido e O honrasse sobremaneira.

Mas esse jantar é digno de nota não por causa das ações do anfitrião. Em vez disso, nos lembramos desse evento por causa de uma mulher que compareceu ao jantar sem ser convidada e por seu incrível presente.

O Evangelho de João nos diz que essa “pecadora” era Maria Madalena (Jo 12:3). Maria, de quem Jesus expulsou sete demônios (Mc 16:9; Lc 8:2); Maria, a quem alguns acreditam que Jesus protegeu de um pelotão de fuzilamento com pedras nas mãos (Jo 8:1-11); Maria, cujo irmão, Lázaro, Jesus trouxe de volta à vida (Jo 11:1-41). Jesus foi bondoso para com Maria, fazendo por ela o que ela nunca poderia fazer por si mesma! De tão agradecida, Maria respondeu com um grande presente.

A doação de Maria foi grandiosa porque aquele presente era muito valioso. Marcos 14:3 nos diz que aquele frasco de alabastro estava cheio de nardo, um unguento extremamente caro que vem de uma planta com flores cultivada no alto das montanhas do Himalaia, na China.¹O frasco que Maria deu de presente custou pelo menos 300 denários (Mc 14:5), valor que correspondia a cerca de uma ano de salário de um trabalhador comum. Naquela época, o salário mínimo de um trabalhador era de um denário por um dia de trabalho (Mt 20:2).

Sendo assim, qual poderia ser o valor daquele unguento no dinheiro de hoje? Se pegarmos o salário mínimo de hoje e o multiplicarmos por 12 (meses) obteremos aproximadamente 14.500 reais. Você pode imaginar o que é gastar tanto dinheiro em um frasco de perfume, só para derramá-lo de uma só vez, em uma pessoa?

Alguns de vocês podem estar se perguntando: *Como Maria pôde comprar um frasco de perfume tão caro?* Lembre-se de que, nos tempos bíblicos, as riquezas geralmente não eram guardadas em bancos. As pessoas enterravam seu dinheiro no solo por segurança (Mt 25:25) ou o aplicavam em itens de grande valor (Mt 6:19–21). Assim, quando Maria derramou o perfume nos pés de Jesus, ela poderia estar derramando ali suas preciosas economias. Aquele foi, de fato, um grande presente!

Mas o presente de Maria foi tão grande não apenas por causa do seu valor, mas também porque ela o entregou pessoalmente. Ela se dispôs a ser uma “penetra” na festa de Simão só para ungir a Jesus. Nenhum substituto ou servo jamais demonstrariam adequadamente sua devoção ao Mestre. Isso era algo pessoal. Sim, aquele foi um grande presente!

E ainda havia outra razão pela qual o presente de Maria foi tão grande. E não foi só pelo seu valor. Não foi só porque ela o entregou pessoalmente. Aquele presente foi grande também porque ela o ofereceu como demonstração do reconheci-

to pelo que Jesus havia feito por ela. Maria fizera um inventário pessoal. Ela contou suas bênçãos e percebeu o quanto Jesus tinha lhe dado. A gratidão que lhe inundava o coração fez seus olhos transbordarem de lágrimas, e ela ungiu Jesus da cabeça aos pés (Mc 14:3; Lc 7:38). Mostrando total desconsideração pelos costumes e tabus culturais contra tais exposições públicas por parte de mulheres, ela soltou o cabelo e enxugou os pés de Jesus enquanto beijava Seus pés incessantemente! Ninguém poderia questionar o amor, o apreço e a devoção de Maria a Jesus. A dádiva de Maria foi, inegavelmente, grandiosa!

Mas Simão ficou desolado: “Ao ver isto, o fariseu que o havia convidado disse consigo mesmo: — Se este fosse profeta, bem saberia quem e que tipo de mulher é esta que está tocando nele, porque é uma pecadora” (Lc 7:39).

Por que Simão ficou desolado? A essa altura, é importante notar que Lucas conta essa história de maneira diferente dos outros escritores dos Evangelhos. Mateus e Marcos se referem especificamente a Simão como “Simão, o leproso” (Mt 26:6; Mc 14:3). No entanto, Lucas, que era médico, não menciona o histórico médico de lepra de Simão. Em vez disso, o doutor Lucas quer que saibamos que Simão é um fariseu. Ele menciona esse fato quatro vezes antes de revelar o nome do fariseu — Simão. Nos dias de Jesus, os fariseus eram vistos como exemplo máximo de retidão: eles eram religiosos; eles eram guardadores de mandamentos; eles eram retos. Lucas pinta um quadro de Simão como se ele fosse um “santo”, em contraste com Maria Madalena, uma “pecadora”. E Lucas nos diz que o “santo” está desgostoso por Jesus ter permitido que uma pecadora O tocasse.

Você se lembra de como Jesus curou um leproso, apenas dois capítulos antes, no Evangelho de Lucas? “Jesus, estendendo a mão, *tocou nele*, dizendo: — [...] Fique limpo! E, no mesmo instante, a lepra daquele homem desapareceu” (Lc 5:13, *itálicos acrescentados*).

Talvez Jesus tenha curado Simão da mesma maneira — tocando nele. Se isso for verdade, quão irônico é que Simão tenha expressado sua consternação por Jesus ter sido tocado por uma “pecadora”, uma pessoa impura! Simão acreditava que Jesus era um profeta de Deus, pois Jesus o havia tocado em seu estado impuro de leproso, e o curou. Mas depois de ter sido curado dessa doença repugnante e horrível, ele começou a questionar se Jesus era realmente um profeta de Deus por ter permitido que uma pecadora O tocasse! Em outras palavras, Simão acreditava que os santos — mesmo os santos impuros e leprosos — eram dignos de serem tocados por Deus. Jesus confrontou a crença de Simão e seu senso de direito contando-lhe uma parábola: (Ler Lc 7:41-47).

Jesus queria que Simão percebesse que o santo está em pé de igualdade com o pecador. Tanto Simão quanto Maria tinham uma dívida que nunca poderiam pagar. Apesar da posição de Simão como “santo”, a única razão pela qual sua dívida foi paga foi a graça de Jesus. Jesus confrontou Simão com o fato de que ele pouco amava e porque ele não percebia quão grande era a dívida que realmente tinha. Se Simão tivesse feito um inventário, ele teria mostrado seu apreço por Jesus com uma generosidade que teria superado a grande oferta de Maria.

Simão deveria ter honrado Jesus não somente com profundo e sincero amor, mas com presentes preciosos entregues pessoalmente. Essa foi a questão que Jesus salientou quando disse a ele: “Você não trouxe água para lavar os Meus pés; você não Me deu nenhum beijo; você não ungiu Minha cabeça com óleo. Agora, veja o que essa pecadora fez”. Jesus não estava acusando Simão de ser totalmente negligente em sua hospitalidade,² mas apontando, à luz de tudo o que Simão havia recebido, que ele deveria ter demonstrado pessoalmente seu apreço lavando os pés de Jesus, em vez de mandar seus servos realizarem essa tarefa. Com tudo que foi poupado a Simão, ele deveria ter demonstrado seu amor por Jesus beijando-O na frente de todos. Com tudo o que Simão esperava receber, ele deveria ter ungido a cabeça de Jesus com um perfume precioso, em vez de deixar que seus servos ungissem o Mestre com azeite barato e ordinário.

Aqueles que são perdoados de uma grande dívida devem demonstrar um grande amor como resposta. No entanto, Simão, o “santo”, não conseguiu perceber exatamente o que Jesus havia feito por ele. Simão honrou Jesus com um banquete oferecido meramente por obrigação. “Jesus me curou; agora, eu preciso fazer algo para mostrar que sou reconhecido”. Inegavelmente, Simão fez o que era certo. Certamente sua consciência iria incomodá-lo se não fizesse algo para dizer “Obrigado, Senhor”. Mas o coração e as ações de Simão não demonstraram apreço verdadeiro.

Você pode dizer: “Com certeza você me ajudou a entender melhor essa história, mas o que ela tem a ver com a minha vida?”

Lembra-se daquela pergunta de 25 mil reais que fiz no início deste sermão? Eu perguntei: “O que você faria se ganhasse todo esse dinheiro?” Você seria um “santo” obediente e devolveria 2.500 reais em dízimo e algum pequeno valor de ofertas para o Senhor apenas porque é o certo? Ou você faria um inventário, contaria suas bênçãos e traria sua dádiva para honrar a Jesus de uma maneira pessoal, amorosa e significativa?

Para muitos de nós (“santos”), a vida passa tão rápido que deixamos de contar nossas bênçãos, nomeando-as uma a uma. Ou, deixamos de reconhecer que o tudo

aquilo que temos vem de Deus. Podemos sentir-nos merecedores de bênçãos, especialmente as financeiras. “Afinal”, dizemos, “eu fiz por merecer”. Mas, como santos, sabemos o que é certo, o que é honesto e o que é necessário, a saber, separar 10% de nossas bênçãos e devolver o dízimo do Senhor. No entanto, para os santos, até mesmo o dízimo pode se tornar uma rotina automática em nossas finanças pessoais. Se não tomarmos cuidado, o próprio dízimo pode ficar tão desconectado do nosso coração, a ponto de se tornar, por essa razão, desproporcional às bênçãos que Deus nos concede.

Quando foi a última vez que você avaliou a sua condição atual na vida? Quando foi a última vez que você considerou cuidadosamente de onde Deus o trouxe e para onde Ele o levou? Quando foi a última vez que você ficou tão impressionado com a graça de Deus que desejou honrar a Jesus como Maria fez? Os diplomas que você acumulou, as promoções que você ganhou, o aumento de sua renda, o retorno dos inteligentes investimentos que você fez, a expansão dos seus negócios ou do seu consultório – quando você faz um balanço de tudo isso, você diz como o rei Nabucodonosor: “*Eu construí!*” (Daniel 4:30, *itálico acrescentado*)? Ou depois de fazer um balanço, você fica maravilhado como Davi, que disse: “Quem sou eu, ó Senhor Deus, e qual é a minha casa, para que me tenhas trazido até aqui?” (2Sm 7:18). Tem a graça de Deus inspirado você a dar algo grandioso para honrá-Lo?

Ana, que nunca tivera filhos, movida pela graça de Deus quando deu à luz Samuel, o entregou ao Senhor (1Sm 1:20–28). Davi, impressionado com a forma como Deus o conduziu dos pastos de ovelhas para os campos de batalha e para o palácio como rei, prometeu doar grande parte da sua fortuna para construir um templo maior para o Senhor (2Sm 7:1, 2; 1Cr 22:1–5; 29:1–5). O ajudante do apóstolo Paulo, Barnabé, depois de conhecer a graça de Jesus, vendeu a propriedade que tinha, trouxe o dinheiro e o entregou aos apóstolos (At 4:36). E Maria, possuída pela graça de Jesus, deu a si mesma ao seu Salvador.

Talvez este seja o momento para cada um de nós contar nossas bênçãos e, a exemplo de Maria, honrar o Senhor em agradecimento com uma grande oferta.

Você poderia dizer: “Talvez você não esteja assistindo ao noticiário. Eu conto, sim, minhas bênçãos. Estou ciente da bondade de Deus para comigo, e isso mexe com meu coração. Mas neste momento, com essa inflação, não dá para ninguém fazer uma grande doação. Você deveria ter pregado este sermão alguns anos atrás”.

Bem, eu assisto aos noticiários, e é porque faço isso que acredito que agora é o momento para o povo de Deus fazer grandes doações para Sua causa como res-

posta à Sua graça. Acredito que, na verdade, temos mais a ganhar abrindo nossa mão do que a fechando. Ana deu Samuel, seu único filho, sem nenhuma garantia de que teria outro, e Deus a abençoou com mais três filhos e duas filhas (1Sm 2:21). Logo depois de Davi expressar sua decisão de construir o templo, Deus lhe prometeu que sua casa e seu reino nunca terminariam (2Sm 7:1–17). E depois que Davi deu suas reservas pessoais em prata e ouro para o templo, os príncipes de Israel responderam a tanta generosidade doando mais do que Davi (1Cr 29:1–9). Depois que Barnabé trouxe sua grande oferta, ele viajou com Paulo, e, por meio dele, Deus realizou muitos milagres e maravilhas (At 11:22–30; 15:12). Após a grande oferta de Maria, Cristo disse: “Em verdade lhes digo que, onde for pregado em todo o mundo este evangelho, também será contado o que ela fez, para memória dela” (Mt 26:13).

E onde quer que se estendesse o evangelho, a oferta de Maria havia de espargir sua fragrância, e por sua ação espontânea seriam abençoados outros corações. Erguer-se-iam e cairiam impérios; seriam esquecidos nomes de reis e conquistadores; mas o feito dessa mulher seria immortalizado nas páginas da História Sagrada.³

APELO E CONCLUSÃO

Eu acredito que há mais a ganhar abrindo a mão do que a fechando. Foi numa tarde do mês de maio que o pastor Joel⁴ recebeu um telefonema de Dave Ramsey, uma celebridade da rádio norte-americana. O concurso conduzido por Ramsey, que distribuiria um total de 30 mil dólares em prêmios, chegara ao fim, e Ramsey estava ligando para dizer a Joel que ele acabara de ganhar o grande prêmio de dez mil dólares! Ao vivo, no rádio, Ramsey perguntou ao pastor Joel: “O que você vai fazer com todo esse dinheiro?” E ouvintes de todo o país ouviram o pastor responder: “Vou doar tudo para o fundo de construção da minha igreja. Vencer o concurso foi resultado da graça, e eu repassarei essa graça para outras pessoas”.

O pastor Joel não mencionou que sua igreja estava por abandonar seus atuais planos de construção. Ele havia chegado àquela igreja recentemente, e descobriu que os membros, como os de tantas outras igrejas, planejavam construir uma igreja dos sonhos, mas não tinham os recursos necessário para a construção. Então, o pastor Joel decidiu doar todo o dinheiro do prêmio. Alguns meses depois, a igreja do pastor Joel comprou um terreno onde havia um antigo shopping center. O terreno tinha uma excelente localização, mais espaço para estacionamento e o triplo de metros quadrados do que a “igreja dos sonhos” original. E os membros da igreja conseguiram comprá-lo por 100 mil dólares a menos do que o preço anunciado!

Há mais a ganhar fazendo uma grande doação do que retendo o que temos.

O que poderia ser ganho se você fizesse mais do que o necessário oferecendo agora mesmo uma grande doação destinada a bolsas de estudo que serão oferecidas a estudantes carentes do Colégio Adventista? Pode haver ali evangelistas e líderes da igreja em potencial que precisam de uma educação adventista agora, podendo obtê-la se você fizer sua grande doação.

Há mais a ganhar quando fazemos uma grande doação do que retendo o que temos.

O que poderia ser ganho se você fizesse mais do que o necessário oferecendo agora mesmo uma grande oferta para apoiar os missionários que estão pondo a vida em risco para levar o evangelho a países que ainda não ouviram o nome de Jesus Cristo? O breve retorno de Jesus pode ser apressado se você ajudar a levar o evangelho a todo o mundo.

Há mais a ganhar quando fazemos uma grande doação do que retendo o que temos.

AUTOR: **Jason Belyeu** atualmente é pastor das igrejas de Beaufort e Hilton Head, na Associação das Carolinas.

Endnotes

1 Francis D. Nichol, *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*, v. 5. (Hagerstown, MD: Review and Herald® Publishing Association, 1978), p. 762.

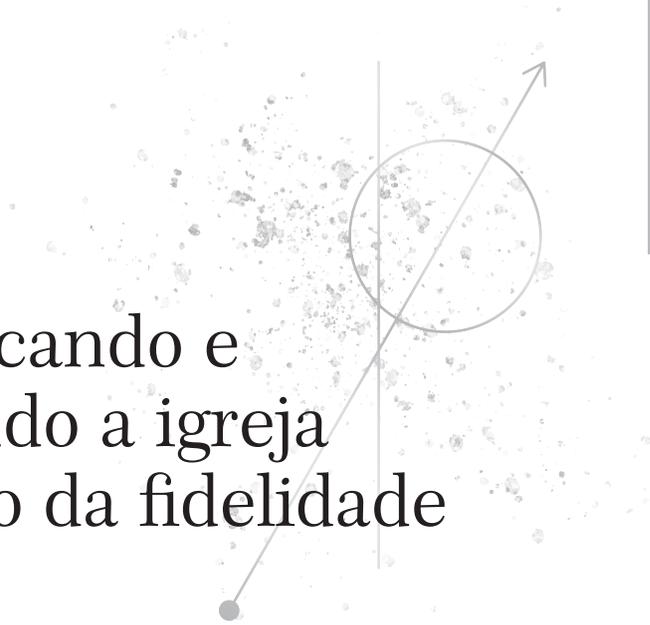
2 Ibid.,

3 Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007), p. 393.

4 Os nomes utilizados nessa história, exceto o da celebridade da rádio Dave Ramsey, foram mudados por questões de confidencialidade. Mas os fatos narrados realmente aconteceram exatamente como apresentados.

Texto bíblico:
GÊNESIS 1:28

Multiplicando e unificando a igreja por meio da fidelidade



INTRODUÇÃO

Deus criou e abençoou Adão e Eva; ao mesmo tempo, deu-lhes privilégios e responsabilidades. Nesse versículo, lemos que Adão e Eva deveriam “ter domínio”. A expressão “domínio” não significa que Adão e Eva deveriam explorar o mundo natural, mas sim compartilhar com Deus a responsabilidade pela Terra. Afinal, eles foram criados à imagem de Deus e, sendo assim, eram capazes de distinguir entre exploração e cuidado. De fato, a *Bíblia de Estudo Andrews*, comentando Gênesis 1:28, identifica a mordomia como um elemento pelo qual a criação seria não só unificada como também multiplicada. Mordomia significa que os seres humanos são privilegiados, mas que esse privilégio implica em responsabilidade. Como mordomos de Deus, não somos donos da Terra. Ele é o dono de tudo (Sl 24:1, 2) e a fonte do poder para conseguirmos riquezas (Dt 8:18).

O princípio divino da multiplicação

Somos produto da multiplicação. Uma fonte afirma que “Mais de 100 trilhões de células compõem o corpo humano. A maioria dessas células contém todos os genes e as demais informações necessárias para ‘construir’ um ser humano”.¹ A partir de apenas uma célula na concepção, as células se multiplicam rapidamente. Entendemos por que o salmista afirma: (Ler Salmo 139:14 -16). A promessa de Deus para Abraão foi: “Abençoarei [você] e multiplicarei a sua descendência como as estrelas dos céus” (Gn 22:17). Cristo aplica isso aos filhos espirituais: “Se vocês fossem filhos

de Abraão, fariam as obras que ele fez” (Jo 8:39). A Bíblia atesta o cumprimento parcial da multiplicação dos descendentes espirituais de Abraão com estas palavras: “E, no consolo do Espírito Santo, [a igreja] crescia em número” (At 9:31).

Mordomia e o processo de multiplicação

Lembre-se da história do menino com cinco pães de cevada e dois peixes, no Novo Testamento? O menino dá o seu almoço para Jesus. Jesus multiplica aquele almoço e alimenta entre quinze e vinte mil pessoas. É interessante notar que essa história milagrosa é a única que está registrada em cada um dos quatro Evangelhos. Cristo poderia ter realizado o milagre sem que o menino lhe desse o almoço. Mas, como sempre, Cristo nos pede que demos algo de nós mesmos para que Ele possa multiplicá-lo, tanto para o nosso bem quanto dos outros. Você se lembra da história da viúva de Sarepta e Elias? Ela foi convidada a dar a sua última porção de mantimentos para fazer um pequeno pão para Elias, antes de assar algo para ela mesma e o seu filho (1Rs 17:9-16).

Também há a história de Eliseu e a viúva cujos filhos estavam prestes a serem levados como escravos por seus credores. Eliseu disse para ela pedir jarros vazios a todos os seus vizinhos. Na verdade, Eliseu não disse para ela pedir apenas alguns jarros, mas todos os jarros que ela pudesse carregar. Essa mãe não tinha azeite algum. Ela fez o que lhe foi dito e todos os jarros ficaram milagrosamente cheios de azeite. O azeite só parou de fluir quando ela já não tinha mais jarros vazios (2Rs 4:1-7). Essa história de fé nos faz lembrar as palavras de Jesus: “Deem e lhes será dado; boa medida, prensada, sacudida e transbordante será dada a vocês” (Lc 6:38).

Mordomia é mais do que bens materiais, comida ou dinheiro. Pedro e João demonstraram esse princípio no episódio do mendigo que nascera com deficiência física. O homem pediu dinheiro, mas os apóstolos não tinham dinheiro para dar. Pedro disse: “Não possuo nem prata nem ouro, mas o que tenho, isso lhe dou”. O que Pedro deu foi mais, muito mais – ele deu àquele homem a capacidade de andar novamente (At 3:1-10). Ao mesmo tempo, não devemos pensar que Deus não se importa com o que fazemos com nossos bens materiais. Um escritor nos diz que “Dois terços das parábolas de Jesus tratam de dinheiro e bens materiais ou da nossa atitude em relação a eles. Existem mais de duas mil referências bíblicas que tratam desse tópico, enquanto há apenas cerca de 500 versículos sobre oração e menos de 500 sobre a fé. Obviamente, Deus considera muito importante o conhecimento [e a mordomia] sobre o dinheiro”.² É impressionante pensar que dois terços das parábolas tratam de bens materiais.

Permita-me falar sobre um casal que tinha a compreensão bíblica correta sobre a mordomia. Frank e Evelyn Moran dedicaram seus anos de serviço para a área educacional. Ele havia herdado uma fazenda de 22 hectares de seus pais e, em vez de dar os habituais 10 por cento ao Senhor, eles decidiram dar 90 por cento e ficar com os 10 por cento restantes. O terreno foi confiado à Associação dos Adventistas do Sétimo Dia do Texas. Na época da doação, aquelas terras valiam cerca de 55 mil dólares. Tempos depois, foram feitos planos para construir o Aeroporto Internacional de Dallas/Fort Worth, perto da propriedade. A fazenda foi vendida e o valor passou a ser U\$ 1.244.113,53 (aproximadamente 6,5 milhões de reais). Não somente a igreja foi abençoada, mas também os Morans. Embora tivessem ficado com apenas 10% do presente que receberam dos pais, eles receberam uma quantia significativa com a venda dos 10% do terreno que ficaram.³

O processo divino da multiplicação continua após a morte

A morte é uma realidade que todos nós enfrentamos. No entanto, Deus não se esquece dos Seus filhos que morrem. A Bíblia nos diz que João, o revelador, ouviu estas palavras: (Ler Apocalipse 14:13). Baseado nos princípios bíblicos, eu acredito que essas obras não apenas acompanharão os que descansam, mas também se multiplicarão. Ellen G. White escreve estas palavras encorajadoras:

Quando um homem morre, com ele não morre sua influência; ela continua a viver, reproduzindo-se. A influência do homem que era bom, puro e santo, continua a viver depois de sua morte, como o brilho do sol poente lança as suas glórias através dos céus, iluminando os picos das montanhas muito depois de haver o Sol mergulhado atrás da colina. Assim refletirão sua luz as obras do que é puro, santo e bom, quando ele não mais viver para falar e agir por si mesmo. Suas obras, suas palavras, seu exemplo, viverão para sempre. “O justo ficará em memória eterna”.⁴

Muitos conhecem Desmond T. Doss, ganhador da Medalha de Honra do exército norte americano pela emocionante história de como Deus permitiu que Desmond salvasse 75 homens em uma terrível batalha durante a Segunda Guerra Mundial. No entanto poucos sabem que ele, ao perceber o quanto Deus havia multiplicado sua vida, decidiu antes da sua morte tomar todas as providências para que o seu patrimônio fosse uma bênção não só para a família como também para a obra do Senhor. Os direitos de sua história de vida foram doados à igreja, tendo sido televisionado para milhões de pessoas.⁵

A mordomia cristã unifica

Cristo orou fervorosamente pela unidade entre Seus seguidores. João registra a seguinte oração de Jesus: “[...] Que todos sejam um. E como Tu, ó Pai, estás em Mim e eu em Ti, também eles estejam em nós, para que o mundo creia que Tu me enviaste” (Jo 17:21). A unidade depende de sermos um com o Pai e o Filho. Isso ocorre quando colocamos o eu de lado e, voluntariamente, doamos com o mesmo espírito com que Cristo deu Sua vida por nós. Creio firmemente que a mordomia cristã pode ser definida como “fazer de Jesus Cristo o Senhor de tudo o que temos e fazemos”. Paulo definiu a mordomia e o servir a Cristo como coisas intercambiáveis. Ele escreve: (Ler 1 Coríntios 4:1, 2).

Lembra-se da referência que fizemos à multiplicação das células? Apenas uma célula se multiplica em mais de cem trilhões delas, e o resultado é o corpo humano! De alguma forma, cada célula está misteriosamente conectada como as demais, e todas devem trabalhar em conjunto. A igreja é composta de muitos membros, todos trabalhando juntos sob uma cabeça, Jesus Cristo. Devemos usar nosso tempo, talentos e bênçãos materiais para multiplicar e unificar o corpo de Cristo, Sua igreja.

Usando a mordomia para multiplicar e unificar a igreja local

A carta aos Efésios fornece uma bela imagem tanto da igreja mundial como da local. Paulo escreve: (Ler Efésios 4:15 e 16). Não devemos desistir enquanto a nossa igreja não se assemelhar em todos os aspectos a esse modelo ideal. Mesmo a igreja apostólica, embora às vezes parecesse igualar o modelo, passou por momentos de estagnação e desunião. É muito importante que nos aproximemos do modelo bíblico de igreja. Ellen White comenta:

Existem membros leigos que estão aptos para assumir responsabilidades, e o fariam se houvesse alguém que, com paciência, bondade e tolerância, os ensinasse a trabalhar. Os ministros devem mostrar verdadeiro fervor em ajudar tais pessoas a serem bem-sucedidas, devendo envidar incansáveis esforços para desenvolver talentos. Os inexperientes precisam de generais sábios que, pela oração e esforço pessoal, os animem e ajudem a se tornarem perfeitos em Cristo Jesus. Esta é a obra que todo ministro do evangelho deve se esforçar para fazer.⁶

Além de ajudar cada membro a saber onde pode trabalhar com maior eficácia, a mordomia das finanças deve ser fomentada. Não podemos dedicar nossa vida sem dedicar nossos bolsos, e não podemos dedicar nossos bolsos sem dedicar nossas vidas. As duas coisas caminham juntas. Deus nos diz: “[Os israelitas] não devem se apresentar de mãos vazias diante do Senhor, mas cada um oferecerá na proporção em que possa dar, segundo a bênção que o Senhor, seu Deus, lhe houver concedido” (Dt 16:16, 17). Precisamos dar financeiramente e materialmente segundo a bênção do Senhor, como a Bíblia nos diz.

Como fazer isso?

Como nos tornamos mordomos fiéis? Existem maneiras específicas de nos tornarmos os mordomos que Deus quer que sejamos. Precisamos nos lembrar de que a mordomia começa e termina com o amor. Todas as atividades e funções da nossa igreja devem refletir esse amor. O amor não é apenas falar as palavras certas. O amor se reflete em nossas ações. A Bíblia nos diz que “Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito” (Jo 3:16). O amor de Deus custou caro. É mediante a contemplação desse amor na cruz que nos dispomos a doar. Cristo disse: “Vocês receberam de graça; portanto, deem de graça” (Mt 10:8).

Em segundo lugar, não basta que nosso corpo seja composto de trilhões de células; essas células devem funcionar juntas para tornar o corpo completo. Nossas igrejas são compostas de indivíduos e, no entanto, precisamos funcionar como um corpo. É preciso que haja uma comunidade de crentes. Ellen White enfatiza essas necessidades para a comunidade:

Em Sua sabedoria, o Senhor tem designado que, mediante a íntima relação mantida por todos os crentes, cristão esteja unido a cristão, igreja a igreja. [...] Como todos os membros do organismo humano — diversos entre si — se unem para formar o corpo, e cada um desempenha suas funções em obediência ao poder que governa o todo, assim os membros da igreja de Cristo devem estar unidos em um corpo simétrico, sujeito ao santificado entendimento do todo.⁷

Em terceiro lugar, precisamos nos lembrar das palavras desafadoras que Jesus proferiu aos Seus seguidores quando disse: (Ler Atos 1:8). Que desafio para esse pequeno grupo de crentes o de testemunhar para o mundo inteiro! Nossa tarefa é explicar isso para cada membro a fim de que eles possam se sentir desafiados a desempenhar seu papel individual localmente e para saberem como cumprir sua responsabilidade para com a igreja mundial.

Em quarto lugar, a Palavra de Deus nos diz para escolhermos corretamente nossas prioridades. Jesus diz: “Mas busquem em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça, e todas estas coisas lhes serão acrescentadas” (Mt 6:33). Jesus não está dizendo que devemos ignorar nossas necessidades pessoais ou familiares. Ele nos diz para buscarmos primeiro o reino e a justiça de Deus. Quando buscamos primeiro o reino e a justiça de Deus, estamos exercendo a fé que Jesus nos dá, pois nos é dito que “sem fé é impossível agradar a Deus” (Hb 11:6).

Finalmente, Deus exige compromisso – não compromisso com qualquer coisa, mas com os valores eternos de Deus. Esse compromisso não é algo que fazemos uma só vez para toda a vida, mas sim um compromisso pessoal diário com Deus.

CONCLUSÃO E APELO

A mordomia cristã envolve a pessoa como um todo. Precisamos renová-la cada dia em nossa vida por meio do estudo da Bíblia, da oração e meditação na Palavra de Deus. Precisamos manter o foco no ministério de Cristo por nós. Se como membros da igreja vivermos assim, alcançaremos o modelo de Deus para Sua igreja. O conhecido pregador Henry Ward Beecher declarou:

Consagração não é se enredar numa teia sagrada do santuário e, depois da oração e da meditação da tarde, sair dizendo: “Agora sim, sou uma pessoa consagrada”. Consagração é sair pelo mundo, onde o Deus Todo-Poderoso está, e usar todo poder para Sua glória. É simplesmente dedicar todo o curso da vida ao serviço de Deus.⁸

Mordomos fiéis são pessoas transformados pelo Espírito Santo.

Ellen White colocou desta maneira:

A obra de transformação da impiedade para a santidade é contínua. Dia a dia Deus opera para a santificação do homem, e o homem deve cooperar com Ele, desenvolvendo perseverantes esforços para o cultivo de hábitos corretos. Deve acrescentar graça à graça; e assim procedendo num plano de adição, Deus opera por ele num plano de multiplicação.⁹

Assim como Deus fez de Adão e Eva mordomos de Sua criação, Ele nos torna mordomos das dádivas que nos concede, conduzindo-nos à alegria da mordomia fiel. Todos nós podemos experimentar as bênçãos infinitas que ela traz.

Quero convidá-lo nesse momento a orar e pedir a Deus que lhe dê sabedoria e capacidade para viver a fidelidade a cada momento e em cada aspecto de sua vida.

AUTOR: **Tom Carter**, é diretor de patrimônio da União Sul dos Adventistas do Sétimo Dia, na América do Norte.

Endnotes

- 1 “Human Cells 101,” <http://www.tititudoranca.org/z/human_cells_101.htm> Acesso em 14 jan. 2013.
- 2 G. Edward Reid, ed., Faith and Finance: *Financial Planning With a Faith Factor* (Silver Spring, Md.: Departamento de Mordomia da Divisão Norte Americana dos Adventistas do Sétimo Dia, 2009), p. 7, 8.
- 3 Frank Moran, “The Story of the Irving Property in Texas”, *The Southwestern Union Record* (73), 11 de maio de 1974, p. 11.
- 4 Ellen G. White, *Testemunhos para Ministros e Obreiros Evangélicos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008), p. 249.
- 5 G. Tom Carter, “Passing on Values, not Just Material Assets”, *Southern Tidings* (104:8), Agosto de 2012, p. 4–7.
- 6 Ellen G. White, *The Review and Herald*, 27 de junho de 1912.
- 7 Ellen G. White, *Conselhos para a Igreja* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2010), p. 251.
- 8 Henry Ward Beecher, citado no website Transformation Garden, www.wfiafm.com/devotionals/11654019/page2/print. Acesso em 29 jul. 2011.
- 9 Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007), p. 276.

Texto bíblico:
I SAMUEL 25:5–8

Chamados para compartilhar

INTRODUÇÃO

Nabal, um dono de ovelhas, era mais do que rico; ele era super rico. Ele possuía três mil ovelhas e mil cabras, o que, em sua época, o tornava muito rico.

Uma vez por ano, geralmente na primavera, as ovelhas precisam ser tosquiadas. Você pode imaginar o que é tosquiar milhares de animais, sem tosquiadeiras elétricas? Felizmente, as ovelhas ficam imóveis, sem conseguir se mexer quando posicionadas de costas, com as quatro patas para o ar. É preciso que os tosquiadores tenham muita habilidade para virar as ovelhas de costas, mas uma vez feito isso, eles podem tranquilamente cortar a lã das ovelhas. A tosquia dava muito trabalho, mas, obviamente, Nabal tinha muitos trabalhadores contratados para ajudá-lo no processo.

Uma vez que as ovelhas estavam tosquiadas, todos se alegravam. Para os trabalhadores, essa hora de regozijo era bem mais do que apenas um dia de pagamento. Era hora de festa para todos – um momento de comemoração. As festividades reuniam familiares, amigos e empregados. Todos os que moravam nas proximidades eram convidados — estrangeiros, estranhos e pobres. Depois da *tosquia* vinha a *partilha*.

Outro exemplo de hospitalidade bíblica vem do tempo de Neemias. O que Neemias instruiu seu povo a fazer? “Então lhes disse: — Agora vão, comam e bebam o que tiverem de melhor. E mandem porções aos que não têm nada preparado para si. [...] Então todo o povo se foi para comer, beber, mandar porções aos que nada tinham” (Nm 8:10–12). Compartilhar comida e bebida era uma prioridade

naquela época. Os momentos de diversão deveriam ultrapassar os limites da família e dos amigos. Era uma oportunidade de compartilhar as bênçãos de Deus.

Mas, voltemos ao tempo de Nabal, que foi contemporâneo de Davi. Davi e seus homens aguardavam com expectativa as festividades que em breve aconteceriam na fazenda de Nabal. Davi, como você se lembra, estava escondido em cavernas perto dali, tentando escapar do ciumento rei Saul. Davi e seus homens tinham protegido os pastores e as ovelhas de Nabal de bandidos e de animais selvagens, mas Davi não estava buscando nenhuma compensação de Nabal.

Davi e seus homens estavam alojados perto da casa de Nabal. De acordo com o costume, eles deveriam ter sido incluídos na festa oferecida por Nabal, mas o convite não veio. Teria sido uma ousadia os homens de Davi se convidarem para a festa de Nabal? De jeito nenhum! Davi não estava implorando por aquilo. Ele estava simplesmente seguindo um código de conduta comum naquela época. Deus havia dado instruções específicas sobre quem deveria comparecer a eventos sociais como aquele. A Escritura diz: “Alegrem-se nessa festa, vocês, os seus filhos, as suas filhas, os seus escravos, as suas escravas, os levitas, os estrangeiros, os órfãos e as viúvas que moram nas cidades de vocês” (Dt 16:14).

Deus nos instrui a convidar pessoas que, por alguma razão, poderíamos deixar fora da nossa lista. Ele deseja que nos lembremos particularmente dos indigentes, dos solitários, dos estrangeiros — aqueles que são frequentemente esquecidos.

Mas como foi que Nabal reagiu ao pedido dos homens de Davi? Vejamos o que nos diz o primeiro livro de Samuel: “Os rapazes de Davi foram e falaram a Nabal todas essas palavras em nome de Davi. Depois, ficaram esperando” (1Sm 25:9). Imagine a cena: os dez homens de Davi humildemente apresentam o seu pedido e ficam aguardando. Nabal permanece quieto, num silêncio constrangedor. Então, em vez de se manifestar, Nabal humilha aqueles rapazes, fazendo-os esperar. É como se Nabal ponderasse se Davi e seus homens eram dignos ou não de participar da festa. Nabal deveria ter se envergonhado por esses homens terem que vir até ali para apresentar seu pedido. Ele deveria ter se desculpado por não tê-los desde logo convidado para sua festa. Mas Nabal era egoísta e tolo.

Por fim, Nabal respondeu, mas observe como o fez: (Ler I Samuel 25: 10 e 11).

Nabal respondeu retoricamente. Suas perguntas não visavam a obter informações; elas foram feitas para insultar. Ele rebaixou Davi ao perguntar: “Quem é Davi?” Ora, Davi era um herói nacional, e Nabal sabia disso. Mas ele continuou sua

arrogante resposta com outra pergunta: “E quem é o filho de Jesse?” Nabal deu a entender que Davi era um “ninguém”, que ele era irrelevante. Nabal dispensou Davi como se ele fosse um meliante inútil. Nabal demonstrou uma cosmovisão distorcida. Ele acreditava que as coisas sob seu teto eram dele e somente dele. “*Meu pão, minha água, meus tosquiadores*” – esse era o seu foco. Ele permitiu que a ganância condicionasse a sua mente. A ganância tampou os olhos de Nabal e ele já não via mais a Deus como a Fonte de todas as coisas boas.

Nabal poderia ter agido de outra forma. Ele era descendente de Calebe, um grande homem de fé. Nabal conhecia seus deveres e responsabilidades. Ele sabia que era plano de Deus que aqueles com abundância suprissem as necessidades dos necessitados. Sabia que somos guardiões de nosso irmão. Nabal tinha a obrigação dada por Deus de atentar para os estrangeiros que estavam dentro de suas portas, mas Nabal tampou seus olhos – e a Bíblia o chama de tolo.

Muitos anos depois, Jesus nos disse: (Ler Lucas 14:13, 14). Ajudar quem precisa não é apenas uma boa ideia. Na verdade, é um mandado de Jesus.

Existe algum indivíduo ou parente que tenha sido excluído do seu círculo? É nosso dever repartir o que Deus nos deu com essas pessoas. E quanto a nossa igreja? Estamos compartilhando nossas bênçãos com a igreja? Essa é a pergunta que Jesus está nos fazendo.

O príncipe William da Grã-Bretanha nasceu em uma família nobre e rica. Apesar de sua realeza e riqueza, ele demonstrava preocupação com os destituídos. Antes do seu casamento, em 2011, ele teria passado uma noite dormindo em uma rua de Londres, por querer vivenciar o drama dos pobres.¹ Em outra ocasião, ele participou de um evento em benefício de uma instituição de caridade para os sem-teto. Foi ali que ele conheceu Shozna. Shozna havia sofrido um derrame na adolescência, ficando com o lado direito do corpo paralisado. Uma série de infortúnios a levou a se tornar uma sem-teto aos 18 anos de idade. Prestes a se casar, o príncipe William lembrou-se de Shozna e enviou-lhe um convite para seu casamento. Shozna passou por uma completa mudança no visual antes de comparecer ao casamento do príncipe William e Kate Middleton. Shozna disse que se “sentiu linda”, sentada em meio à realeza na Abadia de Westminster.²

Quando é hora de comemorar, não devemos nos lembrar apenas dos parentes e amigos. Deus quer que incluamos intencionalmente os pobres, os aflitos e os solitários. A importância de cuidar dos necessitados é ilustrada pelo episódio envolvendo as cidades de Sodoma e Gomorra, bastante conhecidas por sua maldade. Por que

Deus destruiu Sodoma? A Bíblia declara: “Ora, este foi o pecado de sua irmã Sodoma: Ela e suas filhas eram arrogantes, tinham fartura de comida e viviam despreocupadas; não ajudavam os pobres e os necessitados” (Ez 16:49, NVI). Deus fez chover fogo sobre Sodoma, não apenas por causa de suas perversões sexuais (e outras), mas porque eles não estenderam a mão aos necessitados.

Três tipos de pessoas

John Maxwell escreve que existem três tipos de pessoas: os tomadores, os mercadores e os investidores.³ Todos sabem quem são os tomadores. São os Nabaus da sociedade. Eles tomam mais do que dão. Esperam que os outros deem para que eles possam desfrutar dos benefícios. Eles adoram fazer “retiradas” enquanto esperam que outros façam “depósitos”. Uma comunidade cheia de tomadores é devastadora; mas uma igreja cheia deles é ainda pior. Os tomadores ignoram os mandamentos divinos de compartilhar as bênçãos de Deus.

O segundo grupo é o dos mercadores. Os mercadores também são tolos. Eles doam a fim de receber. Os mercadores estão sempre ocupados a procura do seu círculo de amigos. Eles podem até ser generosos com os amigos, mas estão sempre de olho no que receberão em troca. Os mercadores tendem a ser também tomadores, embora reconheçam que essa classe de gente é socialmente inaceitável. Nabal era um tomador, mas, por necessidade, também era um mercador.

Finalmente, há os investidores. Os investidores são os sábios mordomos do reino de Deus. Eles estão sempre procurando ativamente maneiras de ajudar. Procuram estranhos na igreja para que possam fazer amizade com eles. Saem do seu caminho para ajudar aqueles que estão passando necessidade. Seus olhos percebem prontamente o que precisa ser feito – e o fazem. Eles dão sobejamente para apoiar os ministérios da igreja. Os investidores são focados no reino de Deus, não em si mesmos. Eles dão sem pensar em receber algo em troca. Sabem que é mais abençoado dar do que receber. No Novo Testamento, vemos que a igreja da Macedônia estava cheia de investidores. Financeiramente, eles eram pobres, mas mesmo assim eram investidores. Observe o que eles faziam: (Ler II Coríntios 8:1-5).

E quanto a nós?

E quanto a nós? Somos tomadores, mercadores ou investidores? Como você se classificaria? Gostamos de tomar, negociar ou somos animados investidores? A generosidade é um atributo que não é exclusivo das pessoas prósperas. Em reali-

dade, os pobres muitas vezes são, proporcionalmente, mais generosos. Certo dia, uma criança carente bateu à porta de uma família cristã pedindo comida. Ela recebeu um delicioso pão. Ao receber o pedaço de pão, no entanto, o menino não começou a comê-lo imediatamente. Um grupo de amigos estava esperando, e assim que o menino saiu da nossa casa, os amigos formaram um círculo ao seu redor. Então, ele foi arrancando um pedaço de pão para cada um, antes de ficar com a última mordida. A alegria de compartilhar era mais importante do que encher o próprio estômago. O ato de compartilhar fez daquele menino um investidor em outros.

Nossa resposta

Qual é a nossa reação quando os outros não doam da maneira que achamos que deveriam doar? Como reagimos quando sofremos pessoalmente como resultado do exclusivismo do egoísmo? Guardamos ressentimento e raiva?

A Bíblia diz que Davi ficou furioso quando os seus homens voltaram e lhe contaram o que Nabal havia dito sobre ele. Davi prontamente decidiu ensinar a Nabal uma lição inesquecível: ele planejou matar Nabal. Felizmente, essa história só não terminou em assassinato porque Abigail, a conciliadora esposa de Nabal, entrou em ação. Nabal merecia ser julgado, mas não foi Davi quem o fez. Nunca podemos fazer o que é certo fazendo o que é errado. Como diz o profeta Amós: (Ler Amós 5:12 e 13).

Mesmo quando somos injustiçados, é melhor depender de Deus e, assim, fazer o que é certo. Deus, à Sua própria maneira e tempo, endireitará todas as coisas.

Jesus nos diz que Deus observa nossos atos. Ouça estas palavras do Mestre: (Ler Mateus 25:34–40).

Como tratamos os outros? Como tratamos os necessitados? Que tipo de mordomos somos? Essas são perguntas que precisamos nos fazer continuamente. Mordomia significa que somos fiéis a Deus e compartilhamos Suas bênçãos com os outros. Quando somos generosos com os outros, estamos sendo generosos com Jesus. Winston Churchill disse: “Ganhamos o pão com o que recebemos, mas é com o que damos que ganhamos a vida”.⁴

CONCLUSÃO E APELO

Até que o Senhor Jesus Cristo volte, haverá tomadores, mercadores e investidores entre nós. Assim como Jesus compartilhou, Seus seguidores são chamados a também compartilhar. Ele compartilhou Sua vida para que possamos viver eternamente. Compartilhamos, não porque precisamos, mas porque, como seguidores de Jesus, somos mordomos fiéis que compartilham voluntariamente as bênçãos de Deus. Hoje eu lhe convido a tomar a decisão de ser generoso para com as pessoas que necessitam. Talvez você possa nesse momento pensar em alguém da sua família, da igreja ou da sua comunidade que necessite de ajuda. Ore nesse momento por essas pessoas e planeje como e quando você pode ajudá-la.

AUTOR: **Gerry Christman**, é pastor da Igreja Adventista do Sétimo Dia de Aiea, no Havaí.

Endnotes

1 Disponível em: www.dailymail.co.uk/news/article-1237773/Prince-William-sleeps-rough-streets-Londonexperience-life-homeless.html.

2 Disponível em: <http://londonmuslims.blogspot.com/2011/04/shozna-homeless-muslim-royal-wedding.html>; www.dailymail.co.uk/news/article-1377756/Royal-Wedding-Homeless-girl-Shozna-20-wowed-Prince-William-invited.html

3 John C. Maxwell, "The Boomerang Principle" em *Winning with People Workbook* (Nashville, Tenn.: Nelson Impact, 2004), p. 197.

4 Disponível em: http://thinkexist.com/quotation/we_make_a_living_by_what_we_get-but_we_make_a/14355.html.

Texto bíblico:
MATEUS 6:19-21

Investindo no Céu

INTRODUÇÃO

Alguns anos atrás, havia um homem que tinha tudo — pelo menos assim parecia. A única coisa na vida que ele queria era ter mais de tudo. Em primeiro lugar, ele queria mais dinheiro. Assim, ele pegou sua herança e, por ser muito esperto para negócios, transformou-a em um bilhão de dólares. Ele também queria mais fama e, assim, se tornou diretor e produtor de Hollywood. Ele queria mais prazer e, para obtê-lo, gastou muito dinheiro a fim de realizar todas as fantasias que imaginou. Ele queria mais emoções, então pilotou os aviões mais rápidos do seu tempo. Ele queria mais poder, então, segundo uma fonte, tentou comprar a influência de dois presidentes dos Estados Unidos. Seu objetivo de vida era sempre buscar mais coisas deste mundo, mas parecia que ele nunca alcançava seus objetivos.

Esse homem, Howard Hughes, no final de sua vida não era nada mais do que uma carcaça vazia. De pele emaciada e pálida, suas unhas cresceram até adquirirem a forma de longos saca-rolhas. Sua boca estava cheia de dentes apodrecidos e seus braços mostravam muitas marcas de picadas de agulhas. O pobre homem era um bilionário viciado que enlouqueceu pelo desejo de ter cada vez mais.¹

O problema é que muitas pessoas vivem assim e estão sempre pensando: Ah, se pudéssemos ficar milionários! Ah, se nos mudássemos para aquela casa enorme! Ah, se tivéssemos aquelas roupas de grifes extravagantes! Ah, se pudéssemos comprar carros de luxo e tirar férias milionárias em lugares exóticos! Aí sim, a vida seria maravilhosa! Muitos pensam que, se esses desejos fossem realizados, viveriam felizes para sempre.

Então Jesus falou

No Sermão da Montanha, Jesus ficou face a face com uma multidão formada de pessoas que queriam ter cada vez mais – e aquelas pessoas não eram diferentes de muitos de nós. Elas gostavam da boa vida, de ter riquezas e exibi-las. Elas adoravam percorrer a cidade em suas carruagens esportivas. Muitas gostavam de dar luxuosas festas em suas mansões. Aquelas pessoas gostavam de ser notadas. Elas queriam que os outros notassem até mesmo a vida religiosa delas. Toda vez que iam à sinagoga e colocavam uma oferta na salva, elas esperavam que os outros percebessem o quanto estavam dando. Algumas delas, ao orar, se posicionavam nas esquinas e ali faziam uma grande encenação. Quando jejuavam, exibiam rostos piedosos e abatidos. Só de olhar para eles as pessoas diziam: “Uau! Eles têm tudo!” Mas ouça as palavras que Jesus falou para elas: (Ler Mateus 6:19-21).

Mas Jesus não falou essas palavras apenas para os que estavam reunidos em volta Dele naquele dia. Essas palavras também são para cada um de nós.

Tesouros terrenos

Quando Jesus fala sobre tesouros terrenos, Ele não está dizendo que é pecado ser rico ou que precisamos nos livrar de todas as nossas posses e fazer voto de pobreza. A Bíblia está repleta de histórias de homens e mulheres piedosos que eram ricos; basta pensar em Jó, Abraão, José, Daniel, Nicodemos e Lídia, só para citar alguns. Ao mesmo tempo, Jesus não quer que façamos da aquisição de riquezas a coisa mais importante de nossa vida. Assim, no Sermão da Montanha, Ele não está falando sobre o que você *possui*; Ele está falando sobre o *que* possui você. Ele não está falando sobre o *que* temos; Ele está falando sobre *onde* está o nosso tesouro.

Há uma estória sobre quatro irmãos que estabeleceram a meta de fazer alguma coisa notável na vida. Um dia, eles se reuniram para comparar suas realizações. O primeiro irmão disse: “Desenvolvi a habilidade de pegar um osso e fazer nascer carne em volta dele”. “É mesmo?” disse o segundo irmão. “No meu caso, desenvolvi a habilidade de pegar um osso com carne e dali fazer crescer pele e pelos”. “E eu”, disse o terceiro irmão, “desenvolvi a capacidade de pegar um osso com carne e pele e dali fazer crescer membros”. O quarto irmão deu um salto e disse: “Posso pegar esses membros com osso, pele e pelos e dar vida a tudo isso”. E assim os quatro irmãos partiram para a selva, onde logo encontraram o osso de um leão. O primeiro irmão colocou carne no osso, o segundo irmão fez crescer uma pele bem peluda, o terceiro acrescentou quatro pernas iguais e o quarto deu vida ao leão.

Com um rugido, o leão sacudiu a juba, devorou os quatro irmãos e desapareceu na selva. No Sermão da Montanha, Jesus nos diz que temos a capacidade de criar aquilo que pode nos devorar. Se não formos cuidadosos, e se nossas prioridades não forem corretas, ter dinheiro e posses pode fazer com que, por um momento, nos achemos muito ricos – só para, mais tarde, ficarmos completamente endividados. Podemos nos enganar pensando que somos bem-sucedidos e, no entanto, esse sucesso pode ser tão temporário quanto destrutivo.

Perdas significativas

É por isso que Jesus diz em Mateus 6:19: “Não acumulem tesouros sobre a terra, onde as traças e a ferrugem corroem e onde ladrões escavam e roubam”. Jesus nos diz que o tesouro terreno está aqui hoje e, amanhã, ele se vai. Uma coisa é certa: todos os tesouros terrenos se deteriorarão e perderão seu valor. Essa é uma verdade que Ross Perot, magnata da tecnologia e ex-candidato presidencial dos Estados Unidos, entende. Ele escreve:

Lembre-se disto: se você tiver muita sorte e ganhar muito dinheiro, e depois sair por aí a comprar um montão de coisas, você vai quebrar. Você vai e compra a maior e mais chique mansão do mundo, com ar condicionado em todos os cômodos, piscina – sem falar em todo tipo de equipamentos para alimentar tudo isso –, ou vai visitar uma baía apinhada de iates em qualquer lugar do mundo. Você verá que, nesses lugares, ninguém está sorrindo, e eu vou dizer o porquê. Naquela manhã, alguma coisa apresentou defeito. O gerador não quer ligar; o micro-ondas não funciona [...]. Coisas simplesmente não significam felicidade.²

E tem mais: em nosso mundo cheio de terror, nossas posses podem desaparecer em um piscar de olhos. Na esteira da tragédia de 11 de setembro de 2001, Martin Weber escreveu estas memoráveis palavras:

*Então tudo se resume a isso . . . Cinzas.
Poderosos computadores e uplinks sem fio,
salas de reuniões de mogno e banheiros executivos,
pastas de couro e almoços de negócios . . .
Tudo se transforma em cinzas.
Estratégias corporativas e participação de mercado,
preços de ações e taxas de juros,
lucros ou perdas trimestrais. . .
E o resultado final são cinzas.
Políticas e regulamentos do escritório,*

*promoções e planos de aposentadoria,
Ternos Brooks Brothers e os corpos que os carregam. . .
Tudo isso vira cinza.
Afim, não é a economia. São as cinzas.
Salva-nos, ó Deus, das nossas cinzas.³*

Não se trata apenas de posses e riqueza; há também o desgaste da nossa alma, isto é, da nossa vida espiritual. Trabalhamos duro para conquistar uma “vida boa” e depois ficamos cansados demais para aproveitá-la. Fazemos conchavos e subimos a escada corporativa ou profissional nas costas de nossos colegas só para depois nos perguntamos por que é tão solitário estar no topo. Passamos o dia inteiro administrando uma empresa e não temos tempo nem energia para a família. Permitimos que nossos filhos sejam educados por programas de TV e pelos meninos e meninas da vizinhança. Sacrificamos tudo o que temos em nome das nossas ambições, não restando mais nada para Deus, para a igreja, para missão ou para a vida espiritual.

A Bíblia quer que nos lembremos de mais uma realidade: no final, tudo será queimado. No Dia do Juízo, quando todas as coisas terrenas forem varridas da face deste planeta, tudo será destruído pelo fogo. Tudo o que considerávamos tão importante já não valerá mais nada. É por isso que Jesus nos diz: (Ler Mateus 6:20 e 21). O que Jesus está nos dizendo é que devemos investir tudo o que temos e tudo o que somos nas coisas que são realmente importantes.

Jesus quer que depositemos nosso tempo, dinheiro e nós mesmos na causa de Cristo, porque, no final, essa é a única coisa que importa. Deixe-me sugerir três maneiras bastante práticas de fazer isso.

Invista em pessoas

Em primeiro lugar, invista nas pessoas, especialmente naquelas que sofrem. Há pessoas por toda a cidade – ou talvez na própria vizinhança – que foram abatidas pelos duros golpes da vida. Pessoas que nunca tiveram uma chance. Pessoas que perderam tudo em um incêndio ou tiveram suas economias arruinadas por um tratamento médico-hospitalar. Pessoas que foram abandonadas pelo único arrimo da família. Pessoas que vieram de outros países com grandes sonhos e grandes esperanças, mas com recursos limitados. E quando investimos em pessoas que sofrem, estamos investindo no Céu. Tornamo-nos uma parte tangível do amor de Deus a operar na vida dessas pessoas.

Ouvi falar de uma mulher de Denver, Colorado, conhecida por muitos como a “*Shoe Lady*” (Madame Sapatos, em tradução livre). Um dia, em 1986, ela passava pelos fundos de uma sapataria, onde encontrou centenas de sapatos novos jogados numa caçamba de lixo. Ela amontoou os sapatos em seu carro e os levou para um abrigo de pessoas sem-teto. Lá, ela viu uma mulher grávida andando sem sapatos, só de meias, pelo abrigo. Quando perguntou ao responsável por que a mulher não estava usando sapatos, ele respondeu: “Não temos nenhum que sirva nela”. Depois de ouvir esse comentário, *Shoe Lady* desenvolveu um plano. Ela pesquisou onde ficavam todas as lojas de calçados da cidade e, de quando em quando, dava uma olhada nas lixeiras, pegava os sapatos que foram jogados fora e os levava para abrigos, igrejas e outras instituições de caridade. Um dia, enquanto visitava um abrigo, seu filho de 15 anos viu um menino que precisava de uma roupa quente para vestir. Você pode imaginar a emoção daquela mulher ver o filho tirar o próprio casaco e entregá-lo ao menino que tremia de frio. A lição: esta senhora não está apenas investindo no Céu ao dar sapatos às pessoas para a jornada da vida; ela está ajudando a próxima geração a capturar a visão de servir a Cristo servindo aos outros. De que maneira estamos investindo nas pessoas?

Invista na sua igreja

Em segundo lugar, invista em sua igreja. Sejam claros: a igreja é muito mais do que tijolos e bancos, sistemas de som e luzes, ou banheiros e toalhas de papel. A igreja são pessoas – pessoas que Deus chamou para serem Suas. E Deus nos chama para investir em pessoas que precisam do nosso apoio em sua jornada espiritual. Pessoas que precisam de amigos para ajudá-las a se tornarem amigos totalmente dedicados de Jesus Cristo. Sim, é preciso tijolos, bancos, mesas, som, luzes, salas para as crianças, materiais, pessoal, voluntários e dinheiro para fazer o trabalho. Quando você devolve as ofertas, está participando do crescimento da igreja, isso não é apenas um ato de adoração; antes, é uma maneira importante de fornecer recursos para os ministérios de nossa igreja. Quando não somos mordomos fiéis, a igreja não pode cumprir sua missão. Mas quando somos mordomos fiéis e compartilhamos nossos recursos, podemos cumprir a missão que Deus nos deu. Mordomos fiéis investem em suas igrejas.

Invista na missão da igreja

E isso nos leva ao nosso terceiro ponto: investir no evangelismo local e na missão mundial é investir no Céu. Esta é a igreja de Deus, e temos uma designação dada

por Deus, a saber, cumprir a missão da igreja. Estamos aqui para fazer discípulos para Cristo. O evangelismo, por trazer nossos parentes e amigos para Cristo, é central para a missão da igreja. Quando fazemos amizade com nossos vizinhos e as pessoas que encontramos na academia ou a quem ajudamos em nosso bairro, estamos construindo pontes que levam ao coração dessas pessoas. Precisamos que a igreja organize e patrocine eventos para os quais possamos trazer nossos amigos – concertos, eventos sociais, grupos de recuperação, grupos de estudo bíblico, seminários sobre saúde e assim por diante. É preciso que todos nós trabalhemos e doemos juntos para que a igreja tenha recursos para fazer o trabalho.

Mas a missão da igreja não é apenas local; ela é mundial. A Igreja Adventista do Sétimo Dia se espalhou por todo o mundo porque o nosso sistema tem o seu foco em muito mais do que apenas a congregação local. Temos o privilégio de apoiar o evangelismo no mundo inteiro, uma vez que o dízimo e as ofertas que entregamos em nossas igrejas locais são compartilhados globalmente. É possível que, antes que a sua congregação sequer existisse, as ofertas de membros da igreja de outras congregações já apoiassem o evangelismo em sua comunidade. Este sistema realmente faz da Igreja Adventista um movimento mundial.

CONCLUSÃO E APELO

Certo dia eu estava dentro do único carro que nossa família possuía, esperando minha família para irmos a igreja. Enquanto eu esperava, um pensamento me veio à mente: *somos uma família de um carro só, e a única maneira de irmos à igreja é viajarmos juntos*. Assim, se eu quisesse acelerar o processo, precisava ajudar o resto da minha família a se preparar para ir. E então outro pensamento me veio à mente: *ocê pode dizer que o mesmo acontece com a igreja. A igreja também é uma família de um só carro*. Precisamos ir para o Céu juntos, como uma família. E por isso precisamos ajudar uns aos outros a se preparar. Estamos juntos nisso. Quando devolvemos os dízimos e damos as ofertas – tanto locais quanto para o estrangeiro – estamos investindo no Céu. Afinal, é ali – não aqui – que está o nosso coração.

O conhecido missionário David Livingstone deu sua vida no serviço missionário por Cristo na África. Quando ele morreu, seu corpo foi levado para a Inglaterra e enterrado na Abadia de Westminster. Mas, a pedido do povo africano, seu coração foi enterrado na África. Hoje, o coração de Livingstone está na terra onde ele foi missionário, junto das pessoas a quem tanto amava.

Pergunto: onde está o seu coração? Mas também tenho que perguntar a mim mesmo: onde está o meu coração? Onde está o nosso tesouro? Minha oração é que o nosso investimento de vida não seja em ações, imóveis ou outros ativos, mas no banco do Céu. Nossos investimentos no Céu estarão sempre seguros e sempre renderão um valioso retorno. Essa é a garantia que Deus nos dá. Vamos orar nesse momento e pedir a Deus para que o nosso coração e os nossos recursos estejam completamente a disposição do Senhor.

AUTOR: **Daniel B. Martella**, é pastor das igrejas adventistas do sétimo dia de Healdsburg e Cloverdale, no norte da Califórnia.

Endnotes

- 1 Bill Hybels, "Preaching for Total Commitment", *Leadership* (X:3), junho a agosto de 1989, p.38.
- 2 Craig Brian Larson, *Illustrations for Preaching and Teaching* (Grand Rapids, Michigan: Baker Books, 1993), p. 151
- 3 Martin Weber, "It's the Ashes", *Adventist Review*, 3 de janeiro de 2002.

Texto bíblico:
I REIS 17:1-16

Confiando em Deus

INTRODUÇÃO

Sem nenhum alarde o profeta Elias é apresentado, a Bíblia apenas nos diz que ele era de Tesba, uma cidade de Gileade. Elias estava comunicando uma mensagem ao rei Acabe, cuja esposa era a perversa Jezabel. A Bíblia nos diz que Acabe fez o que era mau aos olhos do Senhor (1Rs 16:30). Foi para esse rei que Elias anunciou que não haveria nem chuva nem orvalho, uma mensagem bastante negativa para o rei que se recusava a adorar a Deus.

Como Elias conseguiu dar tal mensagem a um rei que não adorava ao Deus do Céu? Acontece que Elias estava cumprindo a missão de Deus. Sempre que nos envolvemos na missão de Deus, Ele nos dá poder para cumpri-la. Não é por um poder que possuímos; antes, é Deus quem nos capacita a fazê-lo. Obtemos esse poder ao desenvolvermos um relacionamento pessoal com Ele. Por causa desse relacionamento, obedecemos a Deus com confiança, sem reservas e sem medo.

As mensagens de Elias devem ter chocado o rei. Não há dúvida que ele ficou irritado. Não era aquilo que queria ouvir. Embora Baal, um dos deuses de Acabe, fosse considerado o deus da chuva e da fartura, Acabe não queria ouvir as notícias trazidas por Elias. O rei enfrentava uma prova: Quem era o Deus verdadeiro? Seria o Deus de Israel, ou Baal? Embora Acabe adorasse a Baal, é possível que ele já conhecesse o verdadeiro Deus e percebido que Baal não podia ajudar.

Elias em Querite

Depois que Elias entregou a devastadora mensagem a Acabe, Deus o enviou em outra missão. Deus disse a Elias: “Saia daqui, vá para o leste e esconda-se junto ao ribeiro de Querite, nas imediações do Jordão. Você beberá a água do ribeiro; e Eu ordenei aos corvos que sustentem você naquele lugar” (1Rs 17:3, 4). Deus deu instruções específicas a Elias, chegando a dizer ao profeta como ele sobreviveria. É possível que Elias conhecesse bem o riacho Quereite. Talvez, ainda criança, ele tenha brincado perto do riacho, localizado próximo ao rio Jordão. Embora o riacho fosse conhecido, a jornada até lá foi extenuante. Ao chegar, Elias se assegurou de que estava a uma distância segura do irado rei Acabe. Acabe não estava ali, mas Deus mostrou estar presente, fornecendo, por meio de corvos, comida de manhã e à noite. A água potável de Elias vinha daquele riacho sazonal, cuja corrente desaguava no rio Jordão.

Durante o tempo em que Elias permaneceu à beira do riacho, ele manteve um relacionamento de confiança com Deus. Ele pode não ter entendido plenamente o plano de Deus, mas confiou sua vida a Ele. É assim que Deus quer que vivamos. Jesus nos convida a manter uma relação de confiança com Deus. Ele nos diz: “Mas busquem em primeiro lugar o Reino de Deus e a Sua justiça, e todas estas coisas lhes serão acrescentadas” (Mt 6:33). Jesus é um exemplo de total confiança em Deus.

A comida de Elias foi fornecida até que veio uma crise: por causa da escassez de chuva, o riacho secou. O que Elias dissera a Acabe – que não haveria chuva ou orvalho – se cumpriu. O que ele deveria fazer agora? Para onde ir? Deus supriria suas necessidades, ou Acabe o encontraria e o castigaria? Foram essas as perguntas que lhe vieram à mente ao olhar para um futuro sombrio.

Elias em Sarepta

Deus tinha outro plano para Elias — um plano inesperado. Deus disse a ele: “Levante-se e vá a Sarepta, que pertence a Sidom, e fique por lá. Ali ordenei a uma viúva que dê comida para você” (1Rs 17:9). A ordem de Deus foi inesperada e não parecia muito promissora – a comida seria fornecida por uma viúva! Deus ordenou que Elias fosse até Sarepta, na região de Sidon, tendo que viajar mais de 80 quilômetros, uma jornada longa e difícil para aquela época. Sarepta, uma cidade que fica na costa do mar Mediterrâneo, também ficava no centro da adoração a Baal, e não demorou muito para que Elias confrontasse o rei Acabe, um adorador de Baal. Como se as dificuldades de Elias não bastassem, agora ele tem que ir para

uma cidade no centro da adoração a Baal! A jornada de Elias não parecia nada promissora para um profeta cuja necessidade imediata era comida.

Como se o destino não fosse suficientemente estranho, Deus diz a Elias para procurar comida na casa de uma pessoa que, provavelmente, não tinha muita comida. Ele diz a Elias: “Ordenei a uma viúva que dê comida para você” (v. 9, NVI). Deus não escolheu um rico proprietário de terras ou de rebanhos de ovelhas para dar de comer a Elias. Em vez disso, Ele diz a Elias que uma viúva fornecerá seu alimento. Naqueles dias, provavelmente mais do que na cultura de hoje, as viúvas enfrentavam grande dificuldade para sobreviver. Elas dependiam das esmolas de familiares e amigos, e conseguir comida suficiente para a subsistência sempre foi um problema para elas. Mas Deus diz a Elias que sua comida viria de uma viúva. Diante disso, eu me pergunto que pensamentos passaram pela mente de Elias enquanto ele viajava rumo ao oeste, o seu novo destino.

Elias obedeceu a Deus, não por ter entendido qual era o plano, mas porque o próprio Deus havia falado. Até aquele ponto, Deus provera comida por meio dos corvos. Esse também não era um plano promissor, mas era o que Deus havia escolhido fazer. Elias deve ter pensado: *Se Deus está me pedindo para ir até a casa de uma viúva, Ele proverá.* Cada passo que Elias dava era um passo de fé.

Com certa naturalidade, a Bíblia nos diz: “E ele foi” (v. 10, NVI). Quando Elias chegou à cidade, nem os anciãos nem os demais cidadãos importantes do lugar o cumprimentaram. A primeira pessoa ele que viu foi uma viúva juntando lenha. Obviamente, não se tratava de uma pessoa rica, pois alguém de recursos não estaria juntando lenha. Mas Deus dera a Elias uma ordem específica: ir àquela cidade e pedir comida a uma viúva.

A Bíblia nos diz que quando Elias se encontrou com a viúva, ele não pediu comida. Em vez disso, ele disse: “Por favor, traga-me um pouco de água numa vasilha para que eu possa beber” (v. 10). Foi por falta de fé que Elias não pediu comida? Ou teria sido por não querer sobrecarregar aquela pobre mulher com tal pedido? Ou, talvez, porque estava sedento, depois de sua longa jornada? Não sabemos. O que sabemos é que, enquanto ela se encaminhava para buscar a água, Elias finalmente fez seu ousado pedido: “Traga-me também um bocado de pão, por favor” (v. 11).

Imagino que Elias ficou surpreso ao ouvir o pedido de pão sair de seus lábios. A mulher, por sua vez, deve ter ficado chocada, pois conhecia sua situação melhor do que Elias. Sua resposta nos diz algo sobre sua desesperadora condição: (Ler o verso 12).

Eis aí uma imagem de desesperança. Um profeta aflito viaja muitos quilômetros e pede a uma viúva que lhe dê água e pão. Uma viúva desesperada, que não tem comida suficiente nem para o filho nem para si mesma, é convidada a dar pão para o profeta. A situação não poderia ser pior.

No entanto, a história se desenrola de maneira inesperada. Era de se esperar que Elias se desculpasse dizendo à viúva que estava arrependido por ter-lhe pedido pão. Talvez tenha passado por sua mente que ele estava visitando a viúva errada, pois Deus não o enviaria em uma jornada tão difícil para pedir comida a uma viúva que tinha azeite e farinha suficientes para apenas uma refeição.

Mas em vez de se desculpar por seu pedido, Elias é ousado. Ele pede à viúva que vá preparar o pão – primeiro para ele e, só depois, para o seu filho e ela mesma. Mas esse pedido incomum é precedido por uma promessa. Elias diz à viúva: “Não tenha medo” (v. 13). E por que não ter medo? Será que Elias possuía algum poder pessoal? De maneira nenhuma! A razão para não temer era que a promessa vinha do “Deus de Israel” (v. 14). Elias diz à viúva que o azeite não secará nem a farinha acabará até que o Senhor mande chuva. Elias, a viúva e o seu filho sobreviveriam porque Deus proveria.

Essa é uma história onde vemos a fé de Elias sendo provada. Foi confiando em Deus que ele partiu naquela jornada; foi confiando em Deus que ele pediu comida à viúva. E agora, era a fé da viúva que estava sendo testada. O que ela faria? O que você e eu teríamos feito? Hoje, nós *lemos* a história, mas a mulher não estava lendo a história; ela estava *vivenciando* os fatos.

Imagine a viúva amassando o pão enquanto o filho, ao lado dela, apressa a mãe, pois está com fome. Enquanto o pão está assando, o menino pergunta, impaciente: “Ainda vai demorar muito, mamãe?” Enquanto isso, as palavras de Elias “traga-o primeiro para mim” não saem da cabeça da mãe. O que dizer ao menino? O que ela estará pensando?

A viúva estava enfrentando um dilema que muitos de nós enfrentamos. Muitas vezes temos que tomar decisões difíceis. Por vezes, temos necessidades, mas nos é dito que as nossas necessidades não vêm em primeiro lugar. O texto bíblico nos diz que a viúva, “fez conforme Elias lhe dissera” (v. 16, NVI). Mas não foi só porque o profeta havia pedido; antes, foi porque ela estava convencida de que Elias havia falado “conforme a palavra do SENHOR” (v. 16, NVI). Os pedidos de Deus às vezes são difíceis de entender, mas quando Deus nos pede para fazer algo, é sempre seguro seguir o que Ele requer.

A viúva não sabia qual seria o resultado do seu ato de fé. O Senhor não apenas proveu pão para o profeta, mas também para a viúva e o seu filho. E o pão que Deus proveu para a viúva e seu filho não foi a última refeição deles; aquele pão foi apenas o começo de uma sequência de bênçãos contínuas. Em vez de encontrar farinha e azeite suficientes apenas para o que seria a última refeição deles, a Bíblia nos diz: “A farinha da panela não acabará, e o azeite do jarro não faltará, até o dia em que o Senhor fizer chover sobre a terra” (v. 14). O Senhor abençoou a viúva além das expectativas dela.

Pode ser que nunca nos peçam para compartilhar o nosso último pão com alguém, mas por vezes somos provados como aquela viúva foi provada. Quantas vezes você já ouviu estas palavras: “Tragam o dízimo todo ao depósito do templo, para que haja alimento em Minha casa. Ponham-Me à prova”, diz o SENHOR dos Exércitos, “e vejam se não vou abrir as comportas dos céus e derramar sobre vocês tantas bênçãos que nem terão onde guardá-las” (Ml 3:10, NVI)?

Qual é a sua reação ao ouvir essas palavras? Alguns podem dizer que simplesmente não é possível cumprir o mandado de Deus quanto ao dízimo. Alguns de nós podemos pensar que um dia, no futuro, seremos fiéis e devolveremos o dízimo do Senhor, mas agora simplesmente é impossível fazê-lo. A realidade é que, a menos que tenhamos um relacionamento de confiança com Deus, o dízimo será sempre um obstáculo. Deus nos pede para sermos fiéis e, ao mesmo tempo, promete nos abençoar. Da próxima vez que você ouvir a passagem de Malaquias, peça a Deus que o ajude a crer que Ele será fiel e que cumprirá Sua promessa de abençoá-lo.

CONCLUSÃO E APELO

O que aprendemos com esta mensagem? A experiência de Elias nos ajuda a entender o que significa confiar em Deus. Deus pediu ao profeta que levasse uma mensagem ao rei Acabe, mesmo que o rei ficasse irado com a ela. Elias fez o que Deus lhe pediu para fazer. Deus então disse a Elias que fosse até um riacho perto do rio Jordão e, ali mesmo, esperasse por comida. Os corvos trariam a comida que Deus prometera. Elias viveu da comida trazida pelos corvos e da água potável do riacho. Mas então o riacho secou e Elias enfrentou uma crise. Deus, com uma certa naturalidade, disse a Elias que viajasse para o oeste – até o Mar Mediterrâneo – e lá ele receberia comida. E quem lhe daria comida? Uma viúva. Ele obedeceu a Deus, e Deus cumpriu o que prometera.

E a viúva? Ela estava desesperada porque o que tinha era o suficiente apenas para uma minguada refeição – a última refeição que ela e o seu filho comeriam.

Uma coisa era Elias pedir água, mas o que ela deveria fazer quando o profeta pediu pão? Que pão? O último pão que ela faria para seu filho e para ela mesma? Foi exatamente isso que o profeta pediu. Uma vez que a viúva reconheceu a mão de Deus no pedido de Elias, ela lhe deu o pão. Porque Deus proveu, ela e o seu filho seguiram vivos.

Elias e a viúva experimentaram a bênção prometida pelo salmista: “Fui moço e agora sou velho, porém jamais vi o justo desamparado, nem a sua descendência a mendigar o pão” (Sl 37:25).

E quanto a nós? Será que podemos experimentar as mesmas bênçãos? Assim como Deus pediu a Elias e à viúva que O colocassem em primeiro lugar, Ele também nos pede que façamos o mesmo. Mas colocar a Deus em primeiro lugar significa que precisamos ter fé, e isso nem sempre é fácil. Muitas vezes nossa fé é superada pelo medo. Mas se permitirmos que o medo nos controle, nunca seremos mordomos fiéis. Então, o que devemos fazer? Por meio do estudo da Palavra e da oração, precisamos desenvolver um relacionamento de confiança com Deus. Uma vez que tenhamos tal relacionamento com Deus, teremos fé. E uma vez que tenhamos fé, colocaremos a Deus em primeiro lugar, e Ele cuidará de nós.

Ele cumpriu Sua promessa a Elias. Ele cumpriu Sua promessa à viúva. E Ele também cumprirá Sua promessa a cada um de nós.

Deus nunca falha.

AUTOR: **Orlando Rosales**, é pastor das igrejas adventistas do sétimo dia de língua hispana de Baltimore.

Texto bíblico:
MALAQUIAS 3:10

Deus precisa do meu dinheiro?

INTRODUÇÃO

O já falecido pastor W. A. Criswell conta a história de um jovem que disse ao seu pastor que prometeria a Deus um dízimo de sua renda. O pastor e o jovem oraram para que Deus abençoasse sua carreira. Naquela época o homem estava ganhando U\$ 40,00 por semana, e ele, portanto, devolveu U\$ 4,00 de dízimo. Em poucos anos, sua renda aumentou significativamente, e ele passou a *devolver um dízimo* de U\$ 500,00 por semana. Chegou o dia em que o jovem veio perguntar ao pastor se ele poderia ser *liberado* de sua promessa de devolver o dízimo, porque agora era muito dinheiro. O pastor respondeu: “Não vejo como você pode ser liberado de sua promessa, mas podemos fazer o seguinte: vamos pedir a Deus que reduza sua renda para U\$ 40,00 por semana. Aí você não terá nenhum problema para devolver apenas U\$ 4,00 de dízimo”.¹

O conhecido bilionário J. D. Rockefeller, um dos homens mais ricos da história, nos ajuda a entender o que aconteceu com o jovem que queria ficar desobrigado do compromisso de devolver o dízimo. Rockefeller disse: “Eu nunca teria sido capaz de dar o dízimo do primeiro milhão de dólares que ganhei se não tivesse dado o dízimo do meu primeiro salário, que foi de US\$ 1,50 por semana”.²

A pergunta para mim mesmo e para você e a seguinte: Por que é tão difícil devolver o dízimo? Por que é muito mais fácil devolver 10% de uma pequena quantia do que os mesmos 10% de uma grande quantia? É realmente mais fácil devolver o dízimo de uma pequena quantia, ou será que a pessoa, na verdade, nunca entendeu o plano divino do dízimo?

Dízimo

Nosso dízimo é aquilo que Deus nos pede que devolvamos para Ele. É um décimo da quantia com a qual Deus nos abençoou. Em nossa cultura e sistema econômico, isso geralmente significa devolver um décimo da nossa renda. Nos tempos bíblicos, o dízimo muitas vezes era devolvido de maneira diferente. Assim como em nossos dias, também naquela época o dízimo era usado para manter aqueles que serviam ao povo de Deus. O povo, no entanto, não tinha um sistema monetário semelhante ao nosso.³ Assim, os israelitas devolviam o dízimo de várias maneiras. Eles traziam frutas, grãos, azeite e suco de uva, devolvendo o dízimo de todos os seus produtos e bens. Isso significa que o “depósito” (ou armazém) devia ficar repleto de comida para os sacerdotes se alimentarem.

Hoje, na Igreja Adventista, o dízimo é usado de forma semelhante à do Antigo Testamento. Os dízimos são enviados à associação local e, dali, é redistribuído para sustentar todos os pastores, evangelistas, obreiros da associação, educadores cristãos e todos os que trabalham exclusivamente na obra ministerial. Esse sistema tem sido usado pela Igreja Adventista desde os seus primeiros dias e tem funcionado muito bem. Uma razão pela qual nossa igreja se tornou uma igreja mundial é o sistema de dízimos.

Quem está devolvendo o dízimo?

O problema, no entanto, não é realmente uma questão de onde o dízimo está indo, mas de onde o dízimo está vindo. Estudos do *Barna Group*, uma equipe de pesquisas que acompanha o desenvolvimento espiritual e as tendências das igrejas, demonstraram que a porcentagem de cristãos convertidos que realmente devolvem o dízimo é de 9%.⁴ Isso significa que 91% dos cristãos convertidos não devolvem o dízimo. Imagine: 91% não são dizimistas! Isso é um grande problema para a igreja cristã em geral. A pesquisa também mostra que as pessoas mais pobres devolvem o dízimo com mais regularidade que as pessoas da classe média e alta.⁵ Como sugere nossa ilustração anterior, é muito mais provável que o dízimo seja devolvido quando ganhamos US\$ 100 por semana do que quando ganhamos US\$ 1.000 por semana. Estudos também mostram que as pessoas com mais de 45 anos são 80% mais propensas a dar o dízimo do que as com menos de 45 anos.⁶ Os estudos mostram que, quanto mais jovem você for, menor a probabilidade de você devolver o dízimo, especialmente se tiver menos de 25 anos ou se for um jovem adulto solteiro que nunca foi casado. Os pesquisadores calculam que 1% ou menos desse grupo devolve o dízimo.⁷

Roubando a Deus

Essas revelações são preocupantes. É óbvio que um número significativo de cristãos não devolve o dízimo. Mas o que significa não devolver o dízimo? A infidelidade no dízimo não é apenas um problema da nossa época. Ela já era um grande problema também nos tempos bíblicos. Em Malaquias 3:8, Deus pergunta: “Será que alguém pode roubar a Deus? Mas vocês estão Me roubando e ainda perguntam: ‘Em que Te roubamos?’ Nos dízimos e nas ofertas”. Roubar a Deus? De que você está falando? Eu não roubo a Deus! É exatamente dessa maneira que Deus espera que você reaja, pois as palavras seguintes são: “E [vocês] ainda perguntam: ‘Em que Te roubamos?’ Nos dízimos e nas ofertas”. Agora, você e eu imediatamente ficamos inclinados a dizer: “Um minuto! Como assim? Isso aí não faz o menor sentido! O dinheiro que eu ganho pertence a mim, certo? Tudo o que ganho é meu, por direito, não é assim?” No entanto, o que diz o Salmo 24:1? “Do SENHOR é a terra e tudo o que nela existe, o mundo e os que nele vivem” (NVI). Em Ageu 2:8, Deus diz: “Minha é a prata, Meu é o ouro”. Portanto, sobre tudo isso que ganhamos e alegamos que nos pertence, Deus diz: “Pense melhor!” Quando não devolvemos o dízimo a Deus, Ele diz que estamos quebrando o oitavo mandamento, pois estamos roubando o que é Dele. Tudo já pertence a Deus. Ele está apenas pedindo que devolvamos uma parte do que já pertence a Ele. São palavras fortes, mas precisamos dar ouvidos a elas, pois são a Palavra de Deus.

Deus precisa do meu dinheiro?

Parece que é uma via de mão dupla: sim, precisamos das bênçãos de Deus, mas Deus também precisa de nossa fidelidade. Afinal, sem o dinheiro que é trazido à casa do Tesouro, não teríamos uma igreja, não é mesmo? Isso parece ficar muito mais claro caso você já tenha ouvido o relatório do tesoureiro, ou serviu como membro da comissão da igreja. Sempre ouvimos dizer que Deus precisa do nosso dinheiro. Será mesmo? Ouça o que diz o Salmo 50:12: “Se Eu tivesse fome, precisaria dizer a você? Pois o mundo é Meu, e tudo o que nele existe” (NVI). Tenha em mente que, aqui, Deus está falando com o Seu povo do Antigo Testamento, que regularmente Lhe trazia comida, frutos e colheitas. O que Deus está dizendo é o seguinte: “Para que vocês acham que serve toda essa comida que estão trazendo para o armazém de Deus? Vocês acham que estão alimentando a Deus? Vocês acham que preciso da sua comida para saciar a Minha fome?” E Ele continua: “Mesmo se Eu estivesse com fome, não precisaria de você para me alimentar – Eu mesmo o faria!”

Isso realmente nos coloca em um pensamento circular. Quer dizer que Deus não precisa do nosso dinheiro? Então, por que estou devolvendo o dízimo se Deus não precisa dele? Uma passagem do Novo Testamento nos ajudará a entender o que Deus está dizendo. Vejamos 2 Coríntios 9:7. Paulo escreve: “Cada um contribua segundo tiver proposto no coração, não com tristeza ou por necessidade, porque Deus ama quem dá com alegria”. Uma coisa deve caracterizar a nossa doação – ela não deve ser “com tristeza ou por necessidade, porque Deus ama quem dá com alegria”. Se dermos por um sentimento de culpa ou se estivermos relutantes, Deus diz: Não dê!

Desfazendo a confusão

Parece um pouco confuso, não é? Por um lado, Deus quer o dízimo – podemos até dizer que Ele o exige, pois Ele diz que O estamos roubando se não devolvermos o dízimo. Por outro lado, Deus diz que não precisa nada de nós. O que Deus está nos dizendo é que Ele ama a sinceridade e a generosidade mais do que a quantia doada. Daremos com sinceridade e generosidade se tivermos um relacionamento pessoal com Deus — se confiarmos Nele. Nossa doação será sincera e generosa se confiarmos que Deus cuidará de nós e que Ele nos abençoará. Tem que ser uma relação de confiança. Quando temos uma relação de confiança com o Senhor, não doamos porque precisamos, mas porque estamos em parceria com Ele.

É diferente do que acontece com muitos outros problemas financeiros em nossa vida. Por exemplo, se não pagarmos nossas contas de luz, gás ou água, esses serviços necessários provavelmente serão cortados. Se não pagarmos nossos impostos, o governo tomará medidas para cobrá-los, e poderemos ter sérios problemas legais. Conhecemos as consequências de não cumprir nossas obrigações financeiras. Mas Deus não trabalha dessa maneira. Ele quer que sejamos doadores voluntários. A devolução do dízimo é uma experiência espiritual — uma experiência que nos traz alegria.

O Deus que comparte

Vamos voltar a Malaquias 3:10 e ler o texto novamente. Deus diz: “Tragam todos os dízimos à casa do Tesouro, para que haja mantimento na Minha casa. Ponham-Me à prova nisto, diz o Senhor dos Exércitos, se Eu não lhes abrir as janelas do céu e não derramar sobre vocês bênção sem medida”.

Deus nos convida a prová-Lo. Deus, o nosso Criador e Redentor, nos convida a prová-Lo! Esse é um convite incrível! E qual será o resultado dessa prova? Deus diz que Ele vai nos abençoar, e nunca mais teremos que nos preocupar com dinheiro. Essa é a promessa de Deus para nós. Para Deus, essa experiência é tão agradável que Ele mal pode esperar para nos abençoar — e com muito mais do que imaginávamos. Deus é assim. Ele quer compartilhar conosco. Ele anseia por outra experiência prazerosa, e você e eu somos abençoados por Ele.

Através do livro de Malaquias, Deus prometeu ao Seu povo que suas colheitas não falhariam e que o seu gado seria saudável. É possível que muitos de nós não tenhamos colheitas ou gado, mas Deus pode nos dar o benefício da proteção. Pode não parecer lógico devolver o dízimo e viver com apenas nove décimos da nossa renda, mas Deus faz com que isso funcione. Pode ser que Deus abra portas para um emprego que não esperávamos, ou para conseguirmos um emprego com melhor remuneração. Ou tem vezes que recebemos fundos que não esperávamos. Às vezes é difícil explicar essas bênçãos, mas sei muito bem quem as faz acontecer. Deus nos protege de maneiras que nem imaginamos.

CONCLUSÃO E APELO

Olhe para o que você tem em suas mãos. Não tem que ser apenas o seu salário. Pode ser o seu salário, seu presente de aniversário ou o dinheiro para o lanche que sua mãe lhe deu. Há Alguém no banco da frente, ao volante da sua vida, que lhe deu aquilo. Você pode pegar uma porção dessa bênção e dá-la para Aquele que está ao volante, e dizer: “Olhe aqui, papai. Você gostaria de uma parte desta porção? Isto é para você”. Eu sei que você está lutando. Eu sei que pode ser muito difícil. Mas Deus diz: “Ponha-Me à prova nisto!”

Onde estará, então, esse tesouro? Abra a sua Bíblia em Lucas 12:34. Nessa passagem, Jesus diz que “onde estiver o tesouro de vocês, aí estará também o seu coração”. Como qualquer bom caçador de tesouros, vamos ter que analisar por um momento a pista fornecida pelo verso bíblico. Parece-me que Jesus está dizendo: “Se você quer achar o tesouro, primeiro é preciso ver onde está o seu coração. E é ali que o seu tesouro também vai estar”. Agora, se você quiser descobrir onde está seu coração, observe e veja o que você realmente valoriza em sua vida. É como uma equação, onde tesouro é igual a coração, coração é igual a tesouro.

Talvez seja por isso que tantas pessoas têm dificuldade para entregar o coração a Jesus. Eles podem até querer, mas é difícil fazê-lo. Eles dizem o que têm que dizer

em suas orações, mas, em última análise, ficam frustrados e se sentem traídos pela verdade contida nessa equação matemática — coração é igual a tesouro, tesouro é igual a coração. Abra sua Bíblia em Mateus 19. Ali você lerá uma história que provavelmente já leu antes. Mas, como acontece com muitas histórias bíblicas, existem verdades abaixo da superfície – exatamente como tesouros enterrados –, e essas verdades muitas vezes escapam de nós. Refiro-me à história do jovem rico. Você se lembra dela. O jovem pergunta a Jesus que coisas boas ele deve fazer para obter a vida eterna. Jesus lhe diz para obedecer aos mandamentos. O jovem diz a Jesus que já guarda os mandamentos. Jesus lhe diz para vender tudo o que tem e dar o dinheiro aos pobres. Ponto final.

Pensando bem, não acho que Jesus estivesse, de fato, pedindo ao jovem rico que entregasse tudo o que havia acumulado na vida. Ele está pedindo muito mais. Jesus está pedindo ao jovem que entregue o seu coração. Jesus sabia que o coração do rapaz estava totalmente envolvido em suas “coisas”, ou seja, as coisas deste mundo. Um comentarista da Bíblia afirma que o jovem ficou “triste” e foi embora (Mt 19:22). Em outras palavras, ele estava se agarrando a um monte de coisas e não as conseguia largar. Geralmente nos referimos a esse rapaz como o jovem rico, certo? Mas, pela maneira como ele agiu, também poderíamos chamá-lo de o jovem tolo.

Uma pessoa que foi transformada é um mordomo fiel. Mordomos fiéis não são pessoas que se esforçam mais; mordomos fiéis são pessoas cujas vidas foram transformadas. Uma vez que nossa vida é transformada, passamos a ser fiéis com nosso tempo, talentos e posses. Não somos mordomos fiéis por causa do medo, mas porque a transformação nos permite praticar uma mordomia radical em nossa vida, tornando-nos mordomos disciplinados de Deus na Terra. É tentador criticar o jovem rico. É fácil chamar sua decisão de tola, mas cada um de nós precisa perguntar como teríamos agido. Teríamos ido embora? Que escolha teríamos feito? Não podemos nos desviar dessas perguntas.

Qual tem sido a sua experiência? Talvez sua jornada tenha sido semelhante à minha. Em alguns momentos, você achou que seria impossível ser fiel a Deus. Mas, em última análise, você descobriu que Deus não falharia com você. Deus é assim – Ele é fiel a nós, mesmo quando não somos fiéis.

Alguns de vocês podem ter medo de confiar em Deus. Simplesmente não parece real que todas as suas necessidades serão atendidas se você devolver fielmente o dízimo e se der sua oferta a Deus. Posso garantir que Deus não falhará com você. Confie Nele. Eu tenho confiado, e Ele nunca falhou comigo.

Pense nisto: se confiarmos em Deus quanto à nossa salvação – nossa vida eterna – certamente podemos confiar que Ele cuidará das nossas necessidades diárias. Na verdade, confiar em Deus no que diz respeito às nossas necessidades diárias nos ajuda a acreditar mais plenamente que Ele pode nos preparar e nos manter prontos para o Céu. Deus é fiel. Ele jamais se esquecerá de nós.

AUTOR: **Robin Song**, é o pastor da Igreja Adventista Central Coreana de Seattle, no Estado de Washington.

Endnotes

1 W. A. Criswell, *Criswell's Guidebook for Pastors* (Nashville, Tenn.: B & H Publishing Group, 2000), p. 156.

2 *Ibid.*, p.154.

3 Ver Levítico 27:30–32 e Números 18:20–32.

4 The Barna Group, “New Study Shows Trends in Tithing and Donating”, <http://www.barna.org/congregations-articles/41-new-study-shows-trends-in-tithing-and-donating> . Acesso em 2 de abr 2013.

5 George Barna, “Evangelicals Are the Most Generous Givers, but Fewer Than 10 Percent of Born Again Christians Give 10 Percent to Their Church” boletim informativo por Barna Research Group, 5 de abril 2000, via Web site: <http://library.generousgiving.org/page.asp?sec=4&page=161> (acesso em 2 abr. 2013).

6 The Barna Group, “The Economy’s Impact (Part 3 of 3): Donors Reduce Giving, Brace for the Long Haul” <http://www.barna.org/barna-update/article/18-congregations/341-the-economys-impactpart-3-of-3-donors-reduce-giving-brace-for-the-long-haul> .

7 The Barna Group, “New Study Shows Trends in Tithing and Donating”, <http://www.barna.org/congregations-articles/41-new-study-shows-trends-in-tithing-and-donating> (acesso em 2 abr. 2013).

Texto bíblico:
LUCAS 19:1-10

Entrega total

INTRODUÇÃO

Ao longo do ano fomos inspirados a fazer várias reconciliações com Deus em diversos aspectos da vida. Na mensagem de hoje seremos convidados a fazer outra reconciliação, talvez uma das mais sérias da vida. Por falta dessa reconciliação, muitas pessoas se sentem sobrecarregadas, envergonhadas e desanimadas. O assunto do nosso sermão de hoje é considerado o segundo motivo que mais leva casais ao divórcio. Me refiro à situação financeira, às dívidas, à instabilidade financeira, tudo isso leva a um sentimento de sobrecarga.

Quero estudar com vocês a história de um homem na Bíblia que vivia sobrecarregado, envergonhado sobre como usava e como havia adquirido dinheiro. Isso o deixava tão escravizado que ele percebeu que apenas um poder do alto poderia mudar sua maneira de viver. Todos os grupos que lidam com comportamentos autodestrutivos, como os Alcoólicos Anônimos, sabem que somos impotentes para vencer esses hábitos destrutivos e necessitamos de um poder do alto para vencer. Isso é verdade em relação à bebida, drogas, pornografia e, também, em relação aos problemas financeiros (Ler Lucas 19:1-10).

Zaqueu queria saber se Jesus era capaz de fazer algo por sua consciência atormentada pelo mau uso do dinheiro. Ele havia feito muito mal às pessoas, principalmente aos pobres, por ser cobrador de impostos. Ele era muito rico, mas em vez de ajudar, só prejudicava as pessoas com seu dinheiro. Ele afastava as pessoas em vez de agregar. E sabia que era impotente para mudar, por isso, procurou Jesus.

Como já dissemos, depois de assuntos ligados à sexualidade, as finanças são as que mais separam as pessoas (casais, irmãos, pais, filhos etc.) e trazem vergonha e dor. Seja por alguém que perdeu tudo, prejudicou o sustento da família, se afundou em dívidas, ou que entrou em verdadeira guerra judicial com pessoas que deveriam amar. Imagine a casa de Zaqueu cheia de coisas roubadas e extorquidas dos pobres. Não sabemos detalhes das conversas de Jesus com Zaqueu, mas sabemos do resultado. A vida de Zaqueu mudou completamente. Jesus disse ao final: “Hoje veio a salvação a essa casa”.

Zaqueu não experimentou apenas uma, mas duas reconciliações com Jesus no mesmo dia. A primeira reconciliação foi a espiritual, ele recebeu paz, salvação, perdão e aceitação. A segunda reconciliação foi a financeira com Deus. Ele reconheceu seu problema financeiro e expressou sua mudança. Ele decidiu dar a metade do que possuía aos pobres e devolver quatro vezes mais tudo o que houvesse roubado.

Muitos seguidores de Cristo têm mais reconciliação espiritual do que reconciliação financeira com Deus. Por isso tantos seguidores sinceros de Deus levam uma vida atormentada e disfuncional com o dinheiro. Muitos já foram salvos espiritualmente de suas dívidas do pecado, mas Deus ainda precisa, com Seu poder, romper o poder do dinheiro e livrá-lo de uma vida cheia de culpa pelo mau uso do dinheiro.

Você precisa de uma reconciliação financeira com Deus? Em algum momento você já a fez? Como seria sua vida se você passasse por uma reconciliação financeira com Deus. Como seria sua vida se você fosse liberto da maneira desordenada em que lida com o dinheiro?

Você deve perguntar então: Como se faz uma reconciliação financeira com Deus?

A resposta é: da mesma maneira em que se faz a reconciliação espiritual.

Um dia um militar se encontrou com Paulo e o perguntou: O que devo fazer para ter uma reconciliação espiritual com Deus? Paulo responde: “Crê no Senhor Jesus e serás salvo, tu e a tua casa” (Atos 16:31).

Paulo respondeu que ele deveria crer, mas crer em quê? Ele deveria crer que:

- Jesus morreu;
- Jesus ressuscitou;
- Jesus está junto ao Pai intercedendo por nós;
- Jesus irá voltar para nos salvar completa e eternamente.

Para se reconciliar financeiramente com Deus, você tem que crer em algumas coisas. Hoje vamos estudar sobre os pontos que devemos crer para fazer uma reconciliação financeira com Deus.

1º Creio que tudo o que tenho chegou até mim pela amorosa mão de Deus.

- Você chegou onde chegou sozinho?
- Você é o que é por conta própria?
- Você tem o que tem por sua capacidade apenas?

Esse é o primeiro ponto que precisamos compreender e responder para termos uma reconciliação financeira com Deus. O livro de Tiago 1:17 nos ensina que Deus nos deu talentos, tempo, saúde, capacidades, oportunidades e recursos financeiros. Toda boa dádiva vem de Deus. Então a primeira decisão de hoje é:

- Você crê que tudo o que chegou a suas mãos veio pela bondade e direção de Deus?
- Quantos creem?

2º Devo aprender a viver satisfeito com a provisão atual de Deus para a minha vida (Ler Filipenses 4:12-13).

Alguém plenamente reconciliado financeiramente com Deus aceita com alegria a provisão atual de Deus para sua vida. Ele até percebe que o seu nível de provisão financeira ao longo da vida pode subir ou baixar, mas é sua responsabilidade, se necessário, fazer ajustes para viver contente com o que tem hoje. Seja muito ou pouco.

Você pode afirmar que é muito fácil viver contente com muito, mas na verdade o dinheiro tem um poder tão grandioso na vida que poucas pessoas se contentam com o que tem e vivem sempre querendo mais. Mesmo que para isso coloquem em risco a família, a saúde, o casamento etc. Muitos parecem nunca ter o suficiente.

Eu não estou dizendo que você não deve desejar mais, deseje, mas se para adquirir o que você deseja, sua saúde, família ou vida espiritual tem que ser sacrificada, contente-se. Então devemos aprender a viver contentes com a provisão atual de Deus para a nossa vida.

Mas isso tem algumas implicações, principalmente em relação às dívidas. Pense no que é endividar-se, ou no que é a dívida. Na maioria das vezes, dívida é querer mais do que a provisão atual de Deus para a minha vida e arrumar maneiras de conseguir mais provisão com um dinheiro que não é meu.

PRECISAMOS ENTENDER O SEGUINTE:

Provisão: Valor que possuo para manutenção da vida.

Contentamento: Viver dentro do valor que possuo para manutenção.

Dívida: Querer mais do que a provisão atual de Deus para a minha vida e arrumar maneiras de conseguir mais provisão com um dinheiro que não é meu.

Então:

Provisão + Contentamento = Paz

Provisão - Contentamento = Dívida

Ao entrarmos em dívidas, é como se estivéssemos afirmando que Deus errou na provisão financeira para a nossa vida e temos que contrair dívidas para ajustar aquilo que Deus errou. A

dívida lhe dá um nível de provisão maior do que o que lhe é dado por Deus. Mas às custas da paz. Pois, a dívida “sempre” vai lhe levar a um sentimento de escravidão e vergonha. Hoje eu quero convidá-lo a quebrar esse ciclo de dívida que não te deixa sentir a paz para a qual Deus te salvou.

Ellen White afirma o seguinte sobre as dívidas: “Muitos, muitíssimos, não se educaram de modo a poderem conservar seus gastos dentro do limite de suas entradas. Não aprendem a se adaptar às circunstâncias, e vez após vez tomam emprestado, tomam emprestado, ficando sobrecarregados de dívidas, e conseqüentemente desanimados. Muitos não se lembram da causa de Deus, e descuidadamente gastam dinheiro em divertimentos dos feriados, em roupas e tolices, e quando se faz um apelo para o avanço da obra tanto nas missões nacionais como nas estrangeiras, nada têm para dar, ou até mesmo já estouraram sua conta. Roubam, assim, a Deus nos dízimos e ofertas, e, pela sua egoísta condescendência expõem-se a cruéis tentações, e caem nas ciladas de Satanás” (*Conselhos Sobre Mordomia*, p. 150).

Viver dentro das posses e não entrar em dívidas não vai ser uma benção só para você, mas para os seus filhos e netos. Para isso temos que tomar a seguinte decisão:

- Vou viver satisfeito com o nível de provisão financeira que tenho hoje;
- Vou fazer um plano sério e decisivo de pagar as minhas dívidas e não contrair novas.

3º Irei honrar a Deus dando a primeira parte das minhas rendas para os propósitos de Dele nesta Terra (Ler Provérbios 3:9-10).

A Bíblia chama essas primícias de dízimo, que é o percentual de 10% das nossas rendas e as ofertas ou o pacto é um percentual escolhido pelo adorador. Assim como o dízimo, a oferta deve ser entregue com base em um percentual, não deve ser qualquer valor que apareça no momento do ofertório, mas um valor planejado anteriormente e esse valor deve ter como base um percentual.

Sobre esse sistema de o adorador devolver os dízimos e as ofertas com base em um percentual, Ellen White afirma o seguinte:

“No sistema bíblico de dízimos e ofertas, as quantias pagas por várias pessoas certamente variarão muito, visto serem proporcionais às rendas. Para o pobre, o dízimo será de uma importância comparativamente pequena, e suas dádivas serão de acordo com a sua possibilidade. Mas não é o vulto da dádiva que torna a oferta aceitável a Deus, é o propósito do coração, o espírito de gratidão e amor que ela expressa. Não julgue o pobre serem suas dádivas tão pequenas que não sejam dignas de nota. Deem segundo a sua capacidade, sentindo que são servos de Deus, e que Ele lhes aceitará a oferta” (Conselhos Sobre Mordomia, p. 45).

Precisamos entender que a fidelidade nos dízimos e ofertas é um passo de fé. Pense em dois seguidores de Cristo com o mesmo tempo de igreja, um tem mais fé nesse assunto da fidelidade que o outro.

O que não tem fé pensa mais ou menos assim:

A ← ————— → B

Para eu sair do ponto A nas minhas finanças e ir até o ponto B, necessito de 100% das minhas rendas. Isso é matemática. Só poderei comprar o que desejo se possuir 100% das minhas rendas.

Já o que tem fé e decide devolver 10% de dízimos e 10% de ofertas pensa mais ou menos assim:

A ← ————— → B

Creio pela fé nas promessas bíblicas feitas por Deus que Ele é capaz de me levar do ponto A ao ponto B nas minhas finanças com 80% das minhas rendas. Em outras palavras, eu creio que com a benção de Deus 80% é mais que 100%. Isso é fé.

Dar é um ato de confiança. Não é preciso muita fé para dar a Deus todo o dinheiro que sobrou depois de termos pago todas as contas, mas é preciso fé para exercer fidelidade antes de tudo. A Bíblia nos diz que se colocarmos Deus e Seu reino em primeiro lugar em nossas vidas, todas as nossas necessidades vitais - alimento, abrigo e roupas - serão fornecidas (ver Mateus 6:33). À medida que continuamos a ser fiéis, nossa confiança e dependência em Deus aumentam. Essa é a liberdade da dependência, pois liberdade e dependência têm tudo a ver.

Então nesse ponto a decisão que precisamos tomar é a seguinte:

- Decido acreditar na palavra de Deus que me orienta a ser fiel nos dízimos e nas ofertas;
- Decido escolher um percentual de ofertas para estabelecer a minha fidelidade.

4º Separarei uma porção das minhas finanças em uma poupança para emergências, oportunidades e para os anos posteriores (Ler Provérbios 6:6-8). Esse texto nos ensina que o inverno financeiro sempre chega. Algumas pessoas afirmam que não poupam por não terem uma grande quantidade para poupar, mas precisamos entender que poupar tem mais a ver com o hábito do que com a quantidade. Uma pessoa que não criou o hábito de poupar quando possuía poucos recursos, dificilmente conseguirá poupar se algum dia possuir muitos recursos.

Lembre-se que poupar deve ser uma das suas despesas fixas, todos os meses precisamos guardar alguma quantia e devemos ensinar isso às nossas crianças. Infelizmente esse é um assunto pouco ensinado pelos pais aos seus filhos. Esse é um dos motivos pelo qual cerca de 70% dos jovens do nosso país estão endividados.

Nesse ponto a nossa decisão deve ser:

- Irei separar regularmente uma porção das minhas finanças em uma poupança para emergências, oportunidades e para os anos posteriores.

5º Viverei com os ouvidos abertos e disposto a ouvir qualquer sussurro de Deus quanto as minhas finanças.

Quando se está financeiramente reconciliado com Deus, Ele poderá enviar algum projeto ou pessoa para que você ajude com suas finanças e isso é para o nosso próprio benefício. Mesmo que doar não faça sentido do ponto de vista secular, é uma necessidade imperiosa do ponto de vista espiritual. Ao contrário do que sempre

nos disseram, doar não é para o benefício de Deus ou da igreja. Foi projetado para nosso benefício, para nos ajudar a construir um caráter benevolente e generoso.

Dar pode muitas vezes estar associado a uma sensação de privação ou perda, se você considerar o que poderia ter sido adquirido com a quantia doada. Foi um feriado, um carro novo, ou uma noite em um restaurante? Deus quer que entendamos que quando damos, recebemos uma bênção. A bênção pode ser material, pois às vezes Deus recompensa aqueles que são fiéis em suas doações, aumentando sua riqueza para que possam continuar a dar. Mas a bênção pode ser intangível, como compreender a libertação da ansiedade que vem de uma compreensão verdadeira de que Deus é o Criador. Outra bênção é mudar de um foco egoísta para um foco altruísta. Quando você dá com a atitude certa – “Deus ama o que dá com alegria” (2 Coríntios 9:7) - você obtém uma sensação de satisfação e alegria que não pode ser obtida por nenhum outro meio. Isso faz você perceber que as palavras de Jesus são verdadeiras: “Mais bem-aventurado é dar do que receber” (Atos 20:35). Dar traz bênção, quer ela seja material ou intangível.

Vemos como nossa cultura nos incentiva a armazenar tesouros na terra e a exaltar o materialismo e o consumismo. Provavelmente podemos até reconhecer essa verdade examinando nossos próprios extratos de cartão de crédito ou histórico de gastos. A fidelidade nos ajuda a começar a alinhar nossas prioridades com as prioridades eternas de Deus. Precisamos entender que Deus não nos dá recursos simplesmente para gastarmos mais ou para mudar nossa classe social, Ele nos dá recursos para aumentar nossa capacidade de ajudar e compartilhar. Deus não lhe libertou dos seus pecados para você continuar sendo escravo das dívidas e do dinheiro, sem paz.

Nesse ponto a nossa decisão deve ser:

- Decido com a ajuda Senhor, estar tão reconciliado com Deus no aspecto financeiro que estarei sempre disposto a ouvir qualquer sussurro Dele em relação as minhas finanças.

CONCLUSÃO E APELO

A maioria de nós gasta a maior parte das horas da semana de trabalho utilizando nosso tempo e talentos para acumular dinheiro para viver. Estamos nos esforçando para ter independência, para ficarmos livres do controle e da influência de outras pessoas. Queremos controlar nosso próprio destino. Acreditamos que a liberdade final vem de nossa independência. A mensagem de independência é

aquela que recebemos desde bebês. Nossos pais batem palmas e aplaudem quando começamos a engatinhar, depois batem palmas e aplaudem mais quando nos levantamos e caminhamos. Começamos a nos alimentar, a nos banhar e assim por diante. À medida que nos tornamos adultos, somos encorajados a “andar por conta própria”. Deus oferece a liberdade da dependência como uma alternativa à liberdade da independência.

Certo dia um fazendeiro estava lendo a Bíblia e chegou à conclusão que deveria ser totalmente dependente de Deus inclusive no aspecto das finanças. Então ele caiu de joelhos e orou: “Sinto muito, Deus. Achei que fosse o dono desta fazenda. Agora vejo que Tú realmente és o dono - sou apenas o gerente. Então, eu vou devolvê-la para o Senhor. Eu terei que manter meu nome na escritura; mas o Senhor e eu sabemos quem realmente é o Dono!” Lá embaixo, na aldeia, seus vizinhos pensaram que ele estava ficando louco quando ele lhes disse que havia devolvido sua fazenda a quem a possuía de verdade - especialmente quando descobriram que era Deus. Mas, não permitindo que as zombarias o perturbassem, ele explicou que isso tirou toda a preocupação de seus ombros. “Eu simplesmente fico de joelhos todas as manhãs e peço a Deus que me mostre como Ele quer que Sua fazenda seja administrada.” Um dia veio uma praga de gafanhotos. Eles comeram na fazenda dos vizinhos e quando chegaram à cerca da “fazenda de Deus”, não pararam. Eles consumiram cada folha da fazenda. Os vizinhos mal podiam esperar para vê-lo. Eles disseram: “Aposto que isso muda sua opinião sobre Deus ser dono de sua fazenda”, ao que ele respondeu calmamente: “De jeito nenhum. Deus é dono da fazenda e dos gafanhotos. Se Ele quer alimentar Seus gafanhotos em Sua fazenda, está tudo bem para mim!”

Essa é a liberdade de dependência. Há maior liberdade na dependência do que na independência. Se você tem filhos dependentes, pergunte a si mesmo: “Seus filhos precisam se preocupar com comida, abrigo ou roupas?” Eles se preocupam se você fornecerá ou não a próxima refeição? Ou suas roupas? Claro que não, porque dependem de seus pais para sustentar. Se aceitarmos a liberdade de dependência que Deus oferece, então nós também podemos ter essa mesma liberdade - a liberdade de depender de um Deus generoso.”

AUTOR: Adaptado por **Josanan Alves** de um sermão de Bill Hybels.

Texto bíblico:
LUCAS 12:13-21

Ricos para com Deus

INTRODUÇÃO

Na época de Cristo era comum que o irmão mais velho assumisse todos os bens de seu pai, por ocasião da morte deste, e em seguida ele deveria repartir com os irmãos mais novos uma parte da herança. Era comum que esses irmãos que se sentiam injustiçados levassem o caso para um rabino, para que este avaliasse a situação e orientasse, segundo a lei como o irmão mais velho deveria agir. Na história que acabamos de ler possivelmente o irmão mais velho não havia dado ao irmão mais novo a parte que lhe cabia por lei. Por isso o irmão mais novo decidiu expor a situação publicamente e pedir que Jesus, que era considerado por muitos como um rabino, resolvesse a questão familiar.

É interessante notar que ele não pediu que Jesus avaliasse a situação, ele já foi pronunciando a sentença que, em sua opinião, Jesus deveria dar: “diga a meu irmão que dívida comigo a herança de meu pai!” Jesus responde que não é papel Dele resolver aquela questão, mas aproveita a situação para ensinar uma poderosa lição. Essa lição começa com uma advertência e um ensino: “Cuidado! Guardem-se de todo tipo de ganância. A vida de uma pessoa não é definida pela quantidade de seus bens.”

Aqui começam os grandiosos ensinamentos desse texto. Jesus começa afirmando que existem diversos tipos de ganância e que devemos nos proteger de todos eles. Há um autor chamado Chad Hovind que escreveu um excelente livro sobre o perigo da ganância, ele diz que “A ganância é como um cupim. Está fora de vista, mas

profundamente enraizada em nossos corações. Ela não atrai a atenção, mas corrói nossa capacidade de ser generosos. Jesus nos alertou para ficarmos alertas para a possibilidade de estarmos infestados de ganância.”

Nesse livro, Hovind identificou quatro tipos de ganância: Acumulação, comparação, gastos excessivos e eu mereço.

1º Tipo de ganancioso: O acumulador

É o indivíduo inseguro quanto ao futuro, a ganância o leva a acreditar que não pode ser fiel e generoso até que tenha dinheiro suficiente para um futuro seguro. Sua confiança para guiar o futuro está no dinheiro e não em Deus, e isso o leva a ignorar as necessidades de outras pessoas. O jovem rico se enquadra nesta categoria de ganância, e é por isso que Jesus o instruiu a vender tudo e dar aos pobres.

2º Tipo de ganancioso: O que se compara

São pessoas que sentem a necessidade de comparar seu estilo de vida com o de seus pares, a fim de garantir que seu padrão de vida não seja inferior do ponto de vista socioeconômico ou cultural.

3º Tipo de ganancioso: O gastador excessivo

São pessoas que desejam a recompensa imediata da compra e não conseguem atrasar a satisfação de seus desejos. Seu consumo costuma ser muito evidente porque elas desejam que suas compras e seu estilo de vida sejam notados.

4º Tipo de ganancioso: O que diz “eu mereço”

Eu mereço é a crença - geralmente irreal, irracional e arrogante - de que a pessoa merece favores, privilégios, recursos ou coisas materiais especiais. Esse tipo de ganância sempre mostra falta de gratidão e muitas vezes revela raiva. O “eu mereço” leva as pessoas a uma farra de consumo.

Princípios de uma vida dirigida pela ganância:

1. A riqueza me dá segurança e independência.
2. Nunca posso ter o suficiente, então é melhor eu conseguir mais.
3. Eu preciso ter mais coisas, melhores ou mais novas do que meus amigos.
4. Tenho que manter e elevar meu padrão de vida.

5. Vou colocar no meu cartão de crédito e pagar mais tarde. A gratificação deve ser imediata.
6. Eu sou o dono, tudo o que tenho, comprei com meu próprio dinheiro, então posso fazer com o que tenho o que eu quiser!

Em seguida Jesus faz uma afirmação que vai de encontro a toda nossa visão consumista. Ele afirma: “A vida de uma pessoa não é definida pela quantidade de seus bens.” Isso só será verdade para aqueles que entenderem o que Jesus quis dizer com a palavra vida. Na vida de quem abraça os valores desta Terra, essa afirmação de Jesus não é verdade, mas na vida de quem escolhe abraçar a visão do Reino de Deus essa afirmação é a verdade que nos move. Para a visão de vida deste mundo somos definidos pelo carro, casa, roupas, cor do cartão de crédito etc.

Para ajudar na compreensão dessa verdade Jesus contou uma poderosa parábola. Ele começou a dizer que um homem rico tinha uma propriedade fértil que produziu com abundância e ele pensou: “Que devo fazer?”

Essa é a pergunta mais importante que um empreendedor cristão deve responder. O que devo fazer com os recursos, influência e poder que posso alcançar? Você já se respondeu isso? Uma coisa é responder intelectualmente, outra é viver a resposta.

Só poderemos responder bem se entendermos algumas coisas na parábola.

1º - O que um judeu entendia ao ouvir Jesus dizer que o campo produziu bem e foi fértil? No mundo antigo, o cereal no silo era tão bom como o dinheiro no banco. Por isso quando Jesus afirmou que o campo do homem produziu com abundância, Ele estava afirmando que Deus agiu no campo daquele homem, por isso ele chegou a ser próspero. A primeira maneira de responder “O que devo fazer com o que tenho?” é reconhecer Deus em sua história. Fidelidade é olhar para trás e reconhecer Deus. Infidelidade é uma espécie de amnésia espiritual por não reconhecer que o que temos é resultado da atuação divina sobre nossa vida. Moisés afirmou isso com as seguintes palavras (Ler Deuteronômio 8:17-18).

2º - Abandone a noção de propriedade. Qual era o real problema do homem da parábola? Era ter muitos frutos, celeiros e bens? De maneira nenhuma. O cristão não deve se sentir culpado por prosperar. Jesus nunca atacou a riqueza; Ele sempre abordou os motivos e desejos por trás da busca pela riqueza.

O problema desse homem foi apresentado com uma palavra de quatro letras que se repetiu várias vezes. É a palavra “meus”. Essa palavra é trágica. Ele disse: “meus frutos, meus bens, meus celeiros”. O problema não era possuir riquezas, mas sim ser possuído por elas.

Certo dia um empresário chamou um advogado e um contador para modificar o documento legal da empresa. Ele decidiu que iria colocar no documento o nome de Deus como sócio. O advogado e o contador mostraram-lhe que isso seria impossível, pois no documento legal de uma empresa, um sócio deve ter um sobrenome, um número de documento e um endereço e evidentemente eles não possuíam esses dados sobre Deus. O empresário passou alguns dias tristes falando com Deus em oração sobre o ocorrido e em um de seus momentos de oração ele sentiu claramente o Espírito Santo lhe falando que o desejo dele de colocar o nome de Deus como sócio da empresa estava errado. Deus lhe falou a mente que não era ele que estava dando o direito de colocar o nome de Deus no documento da empresa, e, sim, era Deus quem estava dando-lhe o direito de colocar o nome em Sua empresa. Ele entendeu naquele momento que nunca seria verdadeiramente fiel até que abandonasse a ideia de propriedade.

Na língua grega aparece o pronome “Eu” seis vezes nos versos 17 e 18 da parábola. Aquele prospero agricultor não levava Deus e Sua vontade em consideração, nem a necessidade dos próximos. O homem da parábola afirmou: “Então, direi à minha alma: tens em depósito muitos bens para muitos anos; descansa, come, bebe e regala-te” (Lucas 12:19).

A verdade é que aquele homem até poderia achar que os celeiros, frutos e bens eram dele, mas não a sua alma. Devemos lembrar que na teologia bíblica *alma* é o mesmo que *vida*, a parábola termina dizendo que todos os seus bens não lhe davam controle sobre sua vida presente e eterna. Ele precisava entender que muitos bens não garantem muitos anos; da mesma forma em que poucos bens não significariam poucos anos. Seus vizinhos, sem dúvida, o chamaram de inteligente; no entanto, Deus o chamou de louco.

Há uma história a respeito de uma conversação entre um jovem ambicioso e um homem mais velho já experiente. O jovem disse: “Aprenderei um ofício”. “E depois?” perguntou o homem mais velho. “Abrirei um negócio.” respondeu o jovem. “E depois?” voltou a perguntar o homem. “Farei fortuna.”, “E depois?”, “Suponho que ficarei velho, me aposentarei e viverei com meu dinheiro.”, “E depois?”, “Bem, suponho que algum dia morrerei.”, “E *depois?*” foi a última pergunta penetrante do sábio homem. O homem que nunca lembra que há outro mundo, está destinado a receber algum dia a mais triste de todas as surpresas.

É por isso que Deus chama de louco o rico agricultor, essa é a única vez na Bíblia em que isso acontece. A palavra “louco” descreve alguém que se recusa a usar o seu cérebro em questões práticas. De todo seu planejamento, o homem falhou em um acontecimento único, universal e absolutamente preciso, que cada pessoa deve enfrentar: a morte. George Bernard Shaw disse: “As estatísticas sobre a morte são bastante impressionantes. Um em cada um morre.” Planeje com o seu próprio fim em mente e perceberá que a sua massa de fortuna - pequena ou grande - se tornará simplesmente propriedade daqueles que não trabalharam para ela e que não a apreciarão tanto quanto você. Desfrute dos seus bens, mas mantenha-os em perspectiva. O que será das suas coisas quando se for embora?

Jesus termina a parábola com uma espécie de ironia. Ele começou falando de muitos bens acumulados e terminou falando de todos os bens deixados. Jesus faz um contraste entre os seus muitos anos de abastecimento e as poucas horas que lhe restam de vida. Será que ele pensou que ao assegurar o seu futuro econômico, tinha assegurado também o futuro da sua vida?

CONCLUSÃO E APELO

Jesus, então, conclui a parábola com o seguinte resumo: “Mas Deus lhe disse: Louco, esta noite te pedirão a tua alma; e o que tens preparado, para quem será? Assim é o que entesoura para si mesmo e não é rico para com Deus” (Lucas 12:20-21).

Observe que, nessa advertência, Jesus fala de ser “rico para com Deus”. O que Ele quis dizer com isso? O que significa exatamente ser “rico para com Deus” em vez de acumular coisas para nós mesmos?

Vamos nos concentrar em três verdades importantes – que nos ajudarão a definir o que significa ser “rico para com Deus”.

- **VERDADE 1:** *Se vamos ser verdadeiramente ricos para com Deus, devemos tomar cuidado e estar em guarda contra a ganância.* Já vimos este ponto. Jesus diz: “Tenham cuidado e não se deixem dominar por qualquer tipo de avareza, porque a vida de uma pessoa não consiste na abundância dos bens que ela tem” (v. 15). Não há nada de errado em ter riquezas como resultado das bênçãos de Deus, mas essas riquezas vêm com uma advertência: Tenha cuidado para que você não confie em suas posses e prosperidade material. Tenha cuidado para que você não coloque o coração em suas riquezas e esqueça – ou nunca realmente sinta – uma necessidade pessoal de um Salvador.

● **VERDADE 2:** *Para estarmos entre os que são verdadeiramente “ricos para com Deus”, devemos crer.* Em Tiago 2:5, somos instruídos a ser “ricos em fé”. Pedro nos diz que nossa fé é muito mais preciosa do que o ouro (1Pd 1:7). Se quisermos descobrir o que realmente significa ser “ricos para com Deus”, devemos crer Nele e ter fé em Seu plano eterno para nossa vida. No sangue que Jesus derramou na cruz do Calvário, vemos a provisão superabundante que Ele fez para a nossa redenção e para o perdão de todos os nossos pecados, “segundo as riquezas da Sua graça” (Ef 1:7). Se vamos ser “ricos para com Deus”, devemos crer que Deus já fez abundantes provisões para nós em Cristo Jesus!

Crer também significa que aprendemos a confiar em Deus. Em 1 Timóteo 6:17 lemos que os ricos do presente século não devem ser orgulhosos, nem confiar na “instabilidade da riqueza, mas em Deus”. Em Lucas 12, logo após contar a parábola do rico tolo, Jesus convidou Seus ouvintes a confiar que o Pai celestial proveria para eles assim como Ele faz com os corvos e os lírios (v. 22-30). Se vamos ser “ricos para com Deus”, devemos crer em Suas ricas promessas e confiar que Ele suprirá todas as nossas necessidades.

● **VERDADE 3:** *Ser “rico para com Deus” significa ser generoso!* Depois de aconselhar os que querem ser ricos a tomar cuidado e a crer, a Bíblia também os desafia a serem generosos: “Ordene-lhes [aos que são ricos] que pratiquem o bem, sejam ricos em boas obras, generosos e prontos para repartir” (1Tm 6:18, NVI).

Não apenas devemos ser ricos na fé, mas também devemos ser “ricos em boas obras, generosos e prontos para repartir” nossas riquezas e posses. Em Lucas 12, Jesus descreve a generosidade nestes termos: “Deem esmola; façam para vocês mesmos bolsas que não desgastem, tesouro inesgotável nos céus, onde o ladrão não chega, nem a traça corrói” (v. 33). Quando somos generosos e usamos nossos meios para abençoar outros em necessidade, Deus diz que estamos acumulando tesouros no Céu – tesouros eternos que nunca se esgotarão, nem se desgastarão, nem serão roubados ou destruídos.

Deus nos diz que no mínimo um décimo da nossa renda deve ser fielmente devolvido a Ele como dízimo. Mas observe que o dízimo – um décimo da nossa renda – é o *mínimo* que Deus exige de nós como fiéis mordomos. Se realmente queremos ser “ricos para com Deus”, então Ele nos convida a devolvermos não apenas um décimo, mas a sermos generosos!

Hoje Jesus nos lança um desafio. Ele diz: “Se você quer ser rico, então seja rico Comigo. Cuidado com a ganância, acredite em Mim e seja generoso no apoio à Minha obra e em ajudar os outros”.

Stanley Tam foi uma pessoa que aprendeu o que significa ser rico para com Deus. Em meados da década de 1950, Stanley entregou o controle da sua cambaleante empresa a Deus, colocando 51% das ações em uma fundação privada. Se Deus achasse por bem fazer a empresa prosperar, Stanley usaria 51% para propagar o evangelho ao redor do mundo. Na época em que Stanley tomou essa decisão, ele estava ganhando apenas 14 dólares (70 reais) por semana! Após sua decisão, Deus realmente fez com que a empresa prosperasse.

Stanley guardou seu coração contra a ganância e acreditou nas promessas de Deus. Ele decidiu que 51% não eram suficientes. Se Deus era de fato o Dono de tudo, então Stanley raciocinou que talvez devesse ser ainda mais generoso! Ele e sua esposa, Juanita, desejavam ser ricos para com Deus, e decidiram colocar 100% das ações da empresa na fundação, retirar um salário relativamente moderado da empresa e então doar todos os lucros para Deus e para os outros!

Será que Deus abriu as comportas dos Céus como prometido e derramou Suas bênçãos? O que você acha? Bem, nos últimos 50 anos, a empresa de Stanley gerou mais de 115 milhões de dólares em lucros, os quais foram doados ao Senhor e a outros! Hoje, Stanley Tam está na casa dos 90 anos de idade e ainda se regozija com o significado de acumular tesouros no Céu e de ser verdadeiramente rico para com Deus!

Hoje, Jesus está desafiando cada um de nós: “Se você quer ser rico, então seja rico Comigo. Você terá cuidado com a ganância e estará em guarda contra a confiança na incerteza das riquezas? Acreditará nas riquezas da Minha graça para com você, em Cristo Jesus? Responderá sendo rico em sua fé e confiando na Minha capacidade de suprir suas necessidades e Me mantendo em primeiro lugar em seu amor e suas prioridades? Você será generoso, indo além da fiel devolução do dízimo, para que também seja rico em boas obras mediante suas ofertas liberais para apoiar a Minha obra e as necessidades deste mundo?”

Se assim for, Deus promete que você acumulará tesouros eternos no Céu. Se você realmente quer ser rico, decida hoje ser verdadeiramente rico para com Deus!

AUTOR: **Josanan Alves**, é líder do Ministério de Mordomia Cristã na Divisão Sul-Americana.

Endnotes

1 MacDonald, *Generosity*, p. 60, 61.